

e|ling^U_P

Revista Eletrónica de Linguística dos
Estudantes da Universidade do Porto
*A Students e-journal of Linguistics
from University of Porto*

Diretor:

Vanessa Anachoreta

Editores:

Mariana Ribeiro
Ana Luísa Fernandes
Ari Soares
Cláudia Couto
Glória Oliveira
Sofia Pinho-Silva
Tatiana Moura

Secretariado Editorial:

Beatriz Mendes
Bruna Costa
Catarina Varela
Cecília Ortiz
Cristiana Dias
David Gomes
Deolinda Pinheiro
Dinis Carqueijó
Fernando Santos
Francisca Zagalo
Francisco Rodrigues
Gabriel Santos
Guendalina Gianfranchi
Inês Lourenço
Joana Gomes
João Albergaria
Jorge Carvalho
Leonor Oliveira
Luísa Alves
Luísa Custódio
Maria João Sá
Nana Yu
Pedro Raínho
Pedro Ribeiro
Tiago Azevedo
Tomás Moreira
Vera Ramos

Comissão Científica:

Alexandra Guedes Pinto
Ana Maria Brito
Ângela Carvalho
Celda Morgado
Clara Amorim
Clara Barros
Elena Zagar Galvão
Fátima Oliveira
Fátima Silva
Idalina Ferreira
Inês Oliveira
Isabel Margarida Duarte
Joana Guimarães
João Veloso
Luís Filipe Cunha
Maria da Graça Pinto
Rogélio Ponce de León Romeo
Rui Sousa Silva
Sónia Valente Rodrigues
Thomas Hüsgen

FICHA TÉCNICA

eling^{UP}

Revista Eletrónica de Linguística dos Estudantes da Universidade do Porto
A students' e-journal of Linguistics from University of Porto

<https://ojs.lettras.up.pt/index.php/elingUP/>

Vol. 14 | N.º 1 | 2025

Periodicidade: Bidual

Logótipo e Capa por: Teresa Ribeiro

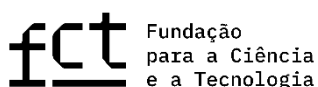
Os artigos publicados estão sujeitos a avaliação.

A Revista está registada na OJS, Bielefeld, Latindex e Worldcat OCLC e está indexada na base de dados Communication Source.

ISSN 1647-4058

DOI: https://doi.org/10.21747/1647-4058/eling14_1ed

Esta publicação é financiada por fundos nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UID/00022/2025.



ÍNDICE

Nota Editorial	5
Entrevista à Professora Doutora Sónia Frota	7
Artigos	
Estudo exploratório sobre modos de relato do discurso em notícias de agência em Português Europeu	27
Ana Luísa Fernandes	
Valor semântico dos marcadores discursivos em Inglês e Português Europeu	46
Mariana Pinto	
A interpretação em termos de mudança escalar sobre expressões de mudança de preço	70
Zuo Qinren	

Nota Editorial

A equipa editorial da Revista Eletrónica de Linguística dos Estudantes da Universidade do Porto (*eling^{UP}*) tem o prazer de anunciar a publicação de mais um número, após um período de muitas mudanças e de diferentes metas alcançadas.

Entre elas, encontra-se a participação da *eling^{UP}* em mais uma edição do PUB IN, um encontro científico que promove a partilha de práticas editoriais inovadoras e a capitalização de diferentes saberes entre diversas equipas editoriais de revistas científicas de áreas do saber distintas.

Além disso, a equipa teve a oportunidade de dar início a uma iniciativa que almeja o mesmo fim que a atividade editorial – despertar o interesse para a divulgação de ciência e o envolvimento dos estudantes na investigação em linguística – e que dialogue diretamente com estas, através de sessões de cinema que têm como objetivo explorar algumas temáticas específicas junto de especialistas de diferentes áreas das Ciências da Linguagem. A iniciativa tem o nome *Linguística em Cena* e a sua primeira sessão foi organizada em maio de 2025 na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP).

Contando ainda com o entusiasmo dos membros da equipa *eling^{UP}*, em julho do mesmo ano, a proposta *Aprende a publicar uma revista científica a eling^{UP}* foi mais uma vez aceite no âmbito do programa da Universidade Júnior e os inscritos nesta edição tiveram uma vez mais a oportunidade de serem introduzidos no mundo da investigação e da edição de uma revista científica.

O número 1 do volume 14 da Revista *eling^{UP}* reúne uma entrevista com uma especialista na área de Fonética e Fonologia e três artigos de estudantes de doutoramento da Faculdade de Letras da Universidade do Porto sobre temáticas nas áreas de Sintaxe e Semântica.

A entrevista deste número é com a Professora Doutora Sónia Marise Campos Frota, professora catedrática no Departamento de Linguística da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e coordenadora do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. A equipa editorial agradece à Senhora Professora pela disponibilidade e pela oportunidade de partilha do seu conhecimento sobre a Prosódia e a Aquisição do português nos primeiros anos de vida.

O artigo “Estudo exploratório sobre modos de relato do discurso em notícias de agência em Português Europeu” de Ana Luísa Fernandes, estudante de doutoramento em

Ciências da Linguagem na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, calcula e descreve a frequência relativa dos modos de relato do discurso em notícias em Português Europeu, propondo uma análise sintática dos modos de relato do discurso presentes em um *corpus* formado por quinze notícias extraídas do Text2Story Lusa.

Já o artigo “Valor semântico dos marcadores discursivos em Inglês e Português Europeu” de Mariana Pinto, estudante de doutoramento em Ciências da Linguagem na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, aborda a análise das relações discursivas estabelecidas por marcadores discursivos em um *corpus* paralelo bilíngue, formado por *TED Talks* em Inglês e as suas respectivas traduções em Português Europeu.

Por último, o artigo “A interpretação em termos de mudança escalar sobre expressões de mudança de preço” de Zuo Qinren, estudante de doutoramento em Ciências da Linguagem na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, investiga, tendo como base a teoria da mudança escalar, a interpretação linguística das expressões de variação do preço a partir de uma revisão crítica da literatura da área.

Aproveitamos para agradecer a todos os autores interessados em publicar na Revista *eling^{UP}*, aos avaliadores, cuja contribuição é fundamental para o funcionamento do projeto, e a toda a equipa, que trabalha incansavelmente para garantir a qualidade e a publicação dos números semestrais.

Por fim, gostaríamos de endereçar umas palavras de grande apreço e gratidão aos antigos diretores da Revista *eling^{UP}*, o Senhor Professor António Leal e a Senhora Professora Purificação Silvano. Sem os Senhores Professores, este projeto nunca se teria tornado naquilo que hoje é – um grande desafio para muitos estudantes que o abraçam com todo o empenho e dedicação e que querem fazer parte dele desde cedo. Todos reconhecem o valor e a importância que fazer parte de um projeto como este tem nas suas vidas enquanto seres humanos, estudantes e futuros profissionais. Os Senhores Professores foram ainda responsáveis por fazer nascer a paixão pela Linguística em muitos elementos da equipa e também contribuíram para que os cursos de Ciências da Linguagem e de Linguística se destacassem na FLUP, distinguindo-se pela inovação e partilha mútua entre docentes e estudantes. Por todos estes motivos, cabe-nos agradecer aos Senhores Professores por acreditarem em todos os estudantes que já passaram pela *eling^{UP}* e também pelos que hoje articulam esforços para manter o legado que lhes foi deixado e fazer com que os estudos linguísticos cheguem facilmente a todos os leitores.

Mariana Ribeiro e Vanessa Anachoreta

Entrevista à Professora Doutora Sónia Frota



Sónia Marise Campos Frota é Professora Catedrática no Departamento de Linguística da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, no qual coordena cientificamente o Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL). Possui Mestrado em Linguística pela Universidade de Lisboa e concluiu o Doutoramento em 1999, na mesma instituição, com a dissertação *Prosody and Focus in European Portuguese*, sob a orientação das Professoras Doutoras Marina Nespor, da Universidade de Amesterdão, e Raquel Delgado Martins, da Universidade de Lisboa. Dirige o *Lisbon Baby Lab* e é Diretora Executiva do Mind-Brain College da Universidade de Lisboa. Desempenha também funções como Editora Principal do *Journal of Portuguese Linguistics* e Editora Associada das revistas *Phonetica* e *Frontiers in Psychology – Psychology of Language*. É ainda Vice-Presidente da *International Phonetic Association* e membro do Comité Consultivo Permanente da *ISCA SProSIG*. É autora de obras de referência como *Prosody and Focus in European Portuguese. Phonological Phrasing and Intonation* (Londres, 2016) e participou em projetos de destaque como a *Gramática da Língua Portuguesa* (Lisboa, 2003). Pelo impacto da sua investigação, foi distinguida com o Prémio Científico ULisboa/CGD em Ciências da Linguagem (2016 e 2021) e com o Prémio

Maria Teresa Palha (2022). Em 2024, foi classificada como a investigadora em Linguística mais bem posicionada em Portugal, integrando o top 4% a nível europeu e mundial, segundo o *AD Scientific Index*.

A entrevista realizada à Professora Doutora Sónia Frota ocorreu no dia 6 de janeiro de 2025, no *Lisbon Baby Lab*, em Lisboa, tendo sido conduzida por Cecília Ortiz, Cláudia Couto e Mariana Ribeiro. A entrevista foi preparada pelos estudantes Ana Fidelis, Cláudia Couto, Fábio Granja, Marina Araújo, Pedro Raínho e Tatiana Moura e, posteriormente, transcrita por David Garcia, Fernando Miguel Santos, Maria João Sá, Pedro Raínho, Tiago Azevedo e Tomás Moreira. A Equipa Editorial agradece profundamente à Senhora Professora a generosa disponibilidade para esta conversa, que se revelou uma tarde memorável de partilha de saberes, experiências inspiradoras e valiosos conselhos.

Dentro de tantas áreas possíveis, o que a levou a tomar a Fonética e a Fonologia como as suas principais áreas de interesse na Linguística? E o que a leva a manter-se hoje nestas áreas?

Em primeiro lugar, quero também agradecer muito o convite para esta entrevista e é com enorme gosto que vos recebo, aqui, no laboratório. Já tenho acompanhado o vosso trabalho, conheço a revista e dou-vos desde já os parabéns pela iniciativa e por se dedicarem a fazer este tipo de trabalho. Porquê a Fonética e a Fonologia? E porque me tenho mantido nesses domínios científicos? Eu acho que a razão principal tem a ver com o facto de tudo aquilo que é estrutura ou categoria ou mesmo significado na linguagem ter de se materializar de alguma forma para que a língua exista e possa ser utilizada como um sistema de comunicação. A dimensão sonora da linguagem, que é precisamente o objeto de estudo, de maneiras diferentes, da Fonética e da Fonologia, é a forma privilegiada de materialização de tudo isto. E constitui também, o que para mim é muito importante, o primeiro contacto do bebé (se for um bebé ouvinte) com a linguagem. A dimensão sonora da linguagem tem uma propriedade, que, para mim, é absolutamente fascinante: o facto de interagir praticamente com todos os outros domínios da linguagem. Interage com a Morfologia, com a Sintaxe, com a Semântica, com a Pragmática. Portanto, por todas estas razões, é uma área de investigação que eu acho fundamental. É complexa, portanto, há muito trabalho para fazer. Uma vida só não chega! É absolutamente fascinante e, por isso, tenho trabalhado nesta área.

E em relação à Prosódia: como e quando começou a Senhora Professora a interessar-se pelo estudo da Prosódia na linguagem? Qual foi a principal motivação para seguir por este caminho de investigação?

Dentro da dimensão sonora da linguagem, é claro que há uma grande divisão tradicional entre o domínio segmental e o domínio suprasegmental. Eu descobri o domínio suprasegmental, vamos chamar-lhe a Prosódia, fundamentalmente durante o meu mestrado. Foi aí que me interessei mais pela Prosódia. Isso aconteceu devido à perceção de que a Prosódia é precisamente o componente da linguagem que faz a tal interface de que vos falei com os outros domínios da linguagem. No fundo, a Prosódia vai afetar a maneira como nós dizemos as consoantes e as vogais, vai afetar as palavras que podemos formar ou não, os significados das frases ou mesmo das unidades discursivas maiores. Portanto, em todas estas ligações com todos estes outros domínios da linguagem, os diferentes componentes da linguagem têm de se materializar de alguma forma e materializam-se numa estrutura sonora. Já agora, permitam-me acrescentar, muitas vezes pensamos que “estrutura sonora” é só som, mas nós hoje sabemos que, apesar do nome “estrutura sonora” poder ser um pouco enganador, existe também um componente gestual. Portanto, o som não existe por si só. Basta olhar para o que estou a fazer neste momento. O som é acompanhado por gestos e esses gestos são talvez tão importantes quanto o próprio som, no sentido tradicional. E, essa estrutura sonora que tem componentes gestuais, é organizada por um elemento. E qual é o elemento organizador dessa estrutura sonora? É precisamente a Prosódia. Quando eu comecei a trabalhar em Prosódia, durante o meu mestrado, e comecei a descobrir todos estes elementos, achei que, de facto, estava na área certa. Portanto, era precisamente aquilo que eu queria fazer. No meu mestrado, eu fiz um estudo mais fonético da Prosódia na interface com a Sintaxe. Depois, no meu doutoramento, desenvolvi um estudo mais fonológico da estrutura prosódica na interface também com a Sintaxe e outros aspetos semântico-discursivos. Isso levou-me a tentar perceber como é que os sistemas prosódicos variam entre línguas ou mesmo dentro da mesma língua. Eu lembro-me de que uma das experiências que fiz na altura e que achei muito reveladora, pelo menos para mim, mostrava que, quando eliminamos as palavras, retiramos as palavras do sinal de fala por filtragem, continuamos a perceber propriedades cruciais das línguas: por exemplo, se eliminarmos as palavras a uma frase do Italiano e do Inglês e depois

formos perceber esses enunciados - nós continuamos a perceber aquelas unidades como pertencendo a línguas diferentes apesar de já não estarem lá as palavras; mas, se fizermos o mesmo, por exemplo, a uma frase do Inglês e do Holandês, nós passamos a perceber aqueles enunciados como podendo ser da mesma língua. A razão para isso está precisamente nas propriedades prosódicas. Quando fiz este tipo de experiência, isso mostrou-me, de facto, a força da Prosódia, a importância da Prosódia e como é crucial perceber, precisamente, como é que a Prosódia varia de língua para língua ou mesmo dentro da mesma língua. A seguir ao doutoramento, eu desenvolvi projetos e integrei várias equipas de investigação para estudar essa variação prosódica entre línguas e dentro da mesma língua. Mas, a grande razão que me levou ainda hoje a continuar a trabalhar nesta área tem a ver com o papel da Prosódia na aquisição da linguagem. Isso rapidamente se tornou o foco central da minha investigação, após o meu doutoramento. O facto de a Prosódia ser o primeiro aspeto da linguagem com que os seres humanos têm contacto, ainda no útero, dá-lhe um papel especial. O nosso sistema auditivo está funcional a partir, mais ou menos, das vinte e cinco semanas de gestação e, devido ao ambiente em que estamos, dentro do útero, as propriedades sonoras que o sistema auditivo consegue captar quais são? São precisamente as prosódicas. Portanto, é precisamente o primeiro aspeto da linguagem com que temos contacto aquele que faz toda esta interface com diferentes outros aspetos da linguagem. Os bebés, a partir do momento em que saem do útero, são supersensíveis a aspetos prosódicos, fundamentalmente às questões de ritmo e de entoação das línguas. A Prosódia pode ser utilizada e pode dar pistas para facilitar a aprendizagem de outras áreas da linguagem, desde a estrutura silábica à aprendizagem das palavras e das categorias das palavras, desde a identificação de constituintes sintáticos nas frases até à ordem de palavras nas frases. Enfim, há toda uma série de aspetos para que a Prosódia pode dar pistas. Isto faz com que a aquisição da Prosódia seja fundamental para a aquisição da linguagem. E, também, para nós percebermos melhor, identificarmos e compreendermos melhor as perturbações da linguagem. Foram todas estas razões que me levaram a continuar a trabalhar nesta área.

Em 2010, a Senhora Professora fundou o renomado Lisbon Baby Lab. Podia, por favor, falar-nos um pouco sobre esta experiência? O que a motivou a criar este laboratório? Que desafios tem enfrentado?

Sim, claro, com todo o gosto. Se calhar, até podia dizer que o *Baby Lab* é um bocadinho a menina dos meus olhos. Ora, o *Baby Lab* foi criado na sequência do primeiro projeto que o Laboratório de Fonética e Fonologia teve na área da Aquisição da Linguagem. Esse primeiro projeto que tivemos foi precisamente sobre o desenvolvimento da Prosódia e foi esse projeto que nos deu o financiamento inicial para pensarmos em criar o *Baby Lab*. Mas os objetivos de criação do *Baby Lab* sempre foram, desde o início, muito mais abrangentes. Não era apenas para responder às necessidades daquele projeto em particular. Nós tínhamos a noção, logo desde o início, que era muito importante criarmos em Portugal uma estrutura de investigação que fosse tecnicamente habilitada para estudar o desenvolvimento da linguagem nos primeiros anos de vida, e que não existia, simplesmente. Isso iria possibilitar colocar a língua portuguesa no mapa dos estudos percetivos e de processamento da linguagem por bebés. Portanto, o Português nunca tinha sido estudado dessa perspetiva. E podiam perguntar: “Mas porque é que era tão importante estudar como é que os bebés que estão a adquirir o Português o fazem?”, “Porque é que não nos basta saber como é que os bebés que estão a adquirir o inglês o fazem, ou o Alemão, ou qualquer outra língua?”. É extremamente importante e por três razões fundamentais. A primeira tem a ver com o facto de todas as línguas serem diferentes, como vocês sabem. Se não fossem, não estávamos aqui a falar de várias línguas. Portanto, todas elas têm especificidades. Quando nós vamos olhar para os estudos feitos – não sei se vocês alguma vez fizeram esta análise – cerca de dois terços dos estudos em aquisição são sobre uma única língua, que eu imagino que vocês saibam qual é... O Inglês, precisamente. Globalmente, muito poucas línguas estão representadas. É claro que o Francês, o Alemão, o Holandês, o Italiano e outras línguas estão representadas, mas, quando nós vamos ver, temos sete mil e tal línguas no mundo, o que significa que muito poucas línguas estão representadas. Para além desta questão de todas as línguas deverem estar representadas, há algumas línguas que colocam desafios face ao conhecimento existente, porque essas línguas não se enquadram exatamente nos perfis das outras línguas que já foram estudadas e vão colocar algumas questões em relação ao conhecimento existente. O Português não só tem as suas especificidades, como qualquer outra língua as terá, mas é uma dessas línguas que coloca desafios, porque o Português tem a particularidade, por exemplo, em relação à organização sonora da língua, de reunir propriedades de línguas que têm perfis completamente distintos. Por exemplo, o Português reúne propriedades semelhantes a línguas germânicas e a línguas românicas, na mesma língua. Tem aquilo que nós podemos dizer que é

um perfil atípico dentro das línguas. Isto coloca questões muito interessantes, não só do ponto de vista tipológico, mas do ponto de vista da aquisição. Assim, estudar o Português contribui para perceber como as diferenças entre línguas podem modular todo o processo de aquisição da linguagem. Esta é a primeira razão. A segunda razão está relacionada com esta, pois como as línguas são todas diferentes umas das outras, nós não podemos simplesmente transferir o conhecimento que temos da língua A para a língua B. Isso não é possível. Hoje nós temos evidência clara de que existe uma importância muito grande da língua materna ou da língua ou línguas a que um bebé está exposto, para todo o desenvolvimento da linguagem, em particular, para os primeiros momentos a que chamamos o desenvolvimento inicial da linguagem. Assim, para conhecermos como se processa a aquisição do Português não há outra forma a não ser estudá-la diretamente. Além disso, se queremos ter instrumentos que são adequados para medir, avaliar e fazer rastreio precoce no domínio da aquisição do Português, também temos de estudar a aquisição do Português. Não há outra forma de termos estes instrumentos. Esta é a segunda razão. A terceira razão tem a ver com a importância de fazer estes estudos do ponto de vista médico, do ponto de vista clínico e do ponto de vista social. Nós precisamos de ter informação sobre o que esperar do desenvolvimento típico, para conseguirmos precocemente identificar sinais de risco para afastamento desse desenvolvimento típico ou aquilo a que chamamos perturbações da linguagem e comunicação. Sem isto, nós não conseguimos promover intervenção precoce, não conseguimos permitir o diagnóstico precoce, não conseguimos dar elementos para informar ações e políticas na área clínica, na área educacional e na área social. Isto é tão mais importante que números internacionais apontam para que cerca de 19% ou 20% das crianças tenham problemas de linguagem aos sete anos de idade. É muita gente. Sabemos que o diagnóstico é tipicamente feito entre os quatro e os seis anos, ou seja, quando há um enquadramento escolar de algum tipo e sabemos que esses problemas tendem a persistir durante a juventude e, nalguns casos, durante a idade adulta. Isso tem muitas consequências não só para o indivíduo, mas também para a sociedade e para a economia. Porque, muitas vezes, pensa-se: “Mas como é que se vai fazer rastreio precoce?”, “Como é que se faz intervenção precoce?”, “Isso não é muito caro?”. Ora, são muito mais caras depois as consequências, porque são consequências de médio a longo prazo. Por isso, é urgente que consigamos identificar esses casos e intervir o mais cedo possível. Só conseguimos fazer isso se estudarmos esses momentos iniciais e percebermos depois qual é a sua relação com o desenvolvimento subsequente. Por isso, no *Baby Lab* nós

temos criado vários recursos, vários instrumentos para rastreio e avaliação do desenvolvimento da linguagem. Eu acho que estas são as três grandes razões que determinaram a criação deste tipo de laboratório. Que desafios é que nós temos enfrentado? São tantos, mas destacaria principalmente dois grandes desafios. Um é aquilo a que eu talvez chame o desafio da multidisciplinaridade. Porque para fazer este tipo de estudo é necessário construir e trabalhar com uma equipa multidisciplinar que tenha a presença de várias áreas científicas, de várias especialidades, que nos permitam trazer avanços no conhecimento da aquisição e desenvolvimento da linguagem, tanto típico quanto atípico. O grande desafio aqui é construir pontes e uma linguagem comum entre todas estas áreas científicas e todas estas especialidades. Eu acho que, nesse domínio, nós temos tido algum sucesso. Um outro tipo de desafio, aí talvez com menos sucesso, é o desafio do financiamento. O financiamento para a manutenção e a fixação das equipas. Nem é tanto o financiamento para os equipamentos, é mais o financiamento para as equipas, porque nós temos investigadores altamente especializados, investigadores em cuja formação temos vindo a investir, muitas vezes, ao longo de vários anos. No entanto, é muito difícil mantê-los, e neste caso têm que ser as instituições a alocar o necessário investimento em posições de investigação, ou de docente-investigador, de forma a que consigamos reter e fixar esses investigadores. Apesar dos muitos projetos financiados que nós temos tido e das contribuições científicas, algumas delas inovadoras, e do contributo do *Baby Lab* para a sociedade, temos essa grande dificuldade. Eu diria que esse é o maior desafio de todos.

Considerando os trabalhos que a Senhora Professora tem desenvolvido no Lisbon Baby Lab, que avanços nos estudos da aquisição do Português trazem novidades para os estudos da Aquisição da Linguagem de modo geral, em comparação com, por exemplo, o Inglês? Que desafios surgiram e que novos caminhos foram abertos?

Eu vou seleccionar três exemplos para ilustrar o carácter inovador dos trabalhos desenvolvidos e a abertura de novos caminhos de investigação. Em 2014, nós publicámos na revista *Infancy* um estudo que foi o primeiro estudo que mostrou que, no primeiro ano de vida e logo aos cinco meses de idade, os bebés que estão expostos à língua portuguesa conseguem discriminar os padrões prosódicos de frases declarativas e de frases interrogativas em contextos de variabilidade fonética, que são contextos semelhantes aos que ocorrem

naturalmente nas línguas. Isto ainda não tinha sido mostrado para nenhuma língua e o estudo fez alguma escola por causa disso e também porque esta capacidade de discriminação constitui um pré-requisito para a aquisição destes tipos frásicos. As afirmações e as perguntas são tipos de frases fundamentais para a comunicação e para a interação humanas. Por isso, o estudo desencadeou uma série de estudos comparativos, aplicando a mesma metodologia com bebés expostos a outras línguas, tendo-se concluído que esta capacidade não se verifica da mesma forma, por exemplo, em bebés expostos ao Inglês ou ao Alemão. Isto mostra que o papel da Prosódia é realmente importante e está a ser modelado pelas especificidades das línguas. Portanto, não podemos esperar os mesmos percursos de aquisição em todos os bebés simplesmente porque são seres humanos e porque são bebés. Este é um exemplo. Um outro exemplo tem a ver com o estudo que nós publicámos em 2018, no *Journal of Child Language*, e que revelou o papel crucial da Prosódia no desenvolvimento das capacidades iniciais de segmentação de palavras num contínuo sonoro. Uma das coisas que os bebés têm de fazer para adquirirem uma língua é segmentar esse contínuo sonoro em unidades de diferentes tipos, entre as quais estão as palavras, que são unidades fundamentais das línguas. Nós verificámos que a partir dos quatro meses de idade, e este foi o estudo que mostrou capacidades de segmentação mais precoces, os bebés eram capazes de segmentar, neste caso, pseudopalavras que estivessem numa determinada posição prosódica. A Prosódia estava ali como facilitadora da segmentação de palavras. O estudo também mostrou que os bebés expostos ao Português não se comportavam da mesma maneira como os bebés expostos ao Inglês ou os bebés expostos ao Castelhana ou ao Francês, associando estas diferenças às diferentes propriedades rítmicas e entoacionais das línguas. Este estudo teve ainda a particularidade de ser um primeiro teste no domínio do processamento percetivo de uma hipótese mais geral sobre o desenvolvimento prosódico que nós depois continuámos a desenvolver e que tem sido uma hipótese citada em vários trabalhos internacionais de referência na área da aquisição e do processamento prosódicos. Portanto, digamos que foi um estudo inicial que deu muitos frutos e que abriu muitos caminhos de investigação. Eu disse que ia dar três exemplos e o último tem a ver com o facto de termos impulsionado a primeira coleção temática de estudos sobre os efeitos da pandemia de COVID-19 na aquisição e desenvolvimento da linguagem. Foi uma coleção publicada entre 2021 e 2023 na revista *Frontiers in Psychology*, e que já conta com mais de 50 mil visualizações. Portanto tem tido muita procura e muito impacto. Nessa coleção, nós publicámos um trabalho sobre o

desenvolvimento da capacidade de segmentação de palavras em bebés nascidos durante a pandemia e esse trabalho permitiu-nos ver que, ao contrário dos bebés pré-pandemia, os bebés nascidos durante a pandemia tinham dificuldades de segmentação de palavras aos oito/nove meses de idade. Nesse momento, dado que a segmentação de palavras se relaciona com vários outros aspetos de desenvolvimento da linguagem, nós colocámos a hipótese nesse estudo de o desenvolvimento da linguagem poder estar globalmente afetado nestes bebés. Então, este estudo abriu a porta para o desenvolvimento de um estudo longitudinal. Nós fomos seguir esses bebés, que na altura tinham entre oito e nove meses, até aos trinta meses de idade num estudo longitudinal que publicámos em 2024 e confirmámos efetivamente essa hipótese, pois verificámos que os mesmos bebés que tinham dificuldades na segmentação de palavras aos oito meses mostraram dificuldades depois na aprendizagem de palavras aos vinte e quatro meses e demonstraram atrasos no desenvolvimento lexical até aos trinta meses de idade. Portanto, o que é que eu quero mostrar-vos aqui? Como um estudo leva a outro e vai abrindo vários caminhos. Ao mesmo tempo, neste momento, já temos um conjunto vastíssimo de estudos sobre os efeitos da pandemia no desenvolvimento da linguagem, estudos que abarcam vários países e várias línguas e que apresentam resultados muito variados. Tudo isto vai contribuir para nós percebermos que fatores estão por detrás destes efeitos. Isso vai ser muito importante para ajustar medidas políticas e sociais ou medidas na área da Educação e da Saúde que sejam as mais ajustadas em situações equivalentes e que nós não queremos que aconteçam muito rapidamente. Mas, pelo menos, podemos estar equipados para tomarmos melhores decisões no futuro, se vierem a acontecer situações como as da pandemia da COVID.

Sabemos que, a par da pesquisa no Lisbon Baby Lab, realiza o seu estudo em colaboração com outras áreas científicas, como a Saúde e a Educação. Deste modo, como é que estas sinergias aperfeiçoaram o seu conhecimento relativamente ao tema da Aquisição da Linguagem? Que frutos nasceram destas colaborações até agora e quais são as expectativas para futuras parcerias nessa intersecção entre a Linguística, a Neurociência e a Pediatria?

Excelente pergunta! Vocês captaram muito bem que o trabalho que nós desenvolvemos é crucialmente multi e interdisciplinar. Que frutos é que resultam desse trabalho? Como é que isso vem aperfeiçoar o conhecimento que nós temos? Os frutos são muitíssimos: por exemplo,

os instrumentos de rastreio e avaliação da linguagem que temos desenvolvido não teriam sido possíveis se não tivéssemos as colaborações com todas estas áreas, designadamente a área da Psicologia, a área da Pediatria e a área da Informática. As colaborações com os diversos setores na área da Saúde também foram fundamentais para todos os projetos. Temos tido vários em que temos estudado o desenvolvimento atípico da linguagem e em que temos trabalhado com estas populações. Como, por exemplo, no caso de bebés de risco para perturbação da linguagem, sejam bebés com risco genético, porque têm um familiar próximo diagnosticado com uma perturbação que afeta a linguagem, sejam bebés prematuros, sejam bebés de baixo peso à nascença. Os estudos comparativos que temos feito entre bebés de baixo risco (os chamados bebés de desenvolvimento típico), os bebés de risco e os bebés que já são diagnosticados à partida, isto é, que já nascem com uma condição que sabemos que vai afetar a linguagem, como o caso dos bebés com Trissomia 21, são muito importantes para conseguirmos estabelecer curvas de desenvolvimento para estes diferentes grupos e assim definirmos os aspetos que podem servir como marcadores precoces de desenvolvimento de perturbações da linguagem. Esse é um objetivo muito importante e é um objetivo que não conseguiríamos de maneira nenhuma atingir se não tivéssemos todas estas colaborações ativas. Nós, desde o início, estabelecemos estas colaborações com a área da Saúde e da Educação, como vocês referiram, e mais recentemente estamos a estender estas parcerias incluindo a Odontopediatria e, para além da Neurolinguística que nos tem acompanhado desde o início, as Neurociências e as Ciências Biomédicas. A Odontopediatria é importante para avançar no estudo das perturbações oro-motoras e da forma como elas afetam não só a produção, mas também a perceção da linguagem e, conseqüentemente, o desenvolvimento da linguagem. A parceria com as Neurociências e as Ciências Biomédicas é crucial para nós percebermos as bases neurobiológicas do desenvolvimento inicial da linguagem. Estas áreas que eu vos referi são áreas novas, mas com uma atividade fervilhante neste momento e que prometem um desenvolvimento exponencial nos próximos anos. Portanto, são colaborações fundamentais.

Sabemos que é também fundadora do projeto Horizonte21, no qual colabora com vários investigadores tendo em vista o estudo do papel que determinados indícios manifestados precocemente no desenvolvimento da linguagem têm enquanto possíveis preditores da capacidade linguística ulterior de produzir e compreender enunciados,

atendendo, em particular, aos casos de perturbações linguísticas associadas ao Síndrome de Down. Nesse sentido, quais foram as motivações que impulsionaram a criação deste projeto e o que nos pode contar sobre a investigação realizada até ao momento?

É um projeto muito importante. Foi talvez um dos projetos mais importantes ligado à área clínica que nós desenvolvemos. Esse projeto, *Horizonte21*, foi o primeiro a nível nacional e um dos poucos no mundo a focar-se no estudo do desenvolvimento da linguagem em bebés com Síndrome de Down ou Trissomia 21. Na verdade, a ideia do projeto surgiu quando fomos fazer uma apresentação de um outro projeto, que tínhamos na altura, à equipa de neurodesenvolvimento e de pediatria do Hospital Santa Maria. Fomos convidados para ir lá falar desse outro projeto e um pediatra do neurodesenvolvimento que estava na plateia perguntou-nos diretamente: “Então, e os bebés com Trissomia 21?”. Nós nunca tínhamos pensado em estudar essa população e foi essa pergunta que levou a este projeto, que foi desenvolvido em parceria com esse pediatra e com a equipa dele. A grande motivação para a criação do projeto foi precisamente o facto de, por um lado, se saber que as dificuldades de linguagem, tanto ao nível da produção como da compreensão, são uma característica prevalente nos indivíduos com Trissomia 21 e que é uma característica fortemente limitadora da sua educação e do seu funcionamento em sociedade. Por outro lado, não existem praticamente estudos sobre o desenvolvimento inicial da linguagem na Trissomia 21. Então pensámos: “Nós temos mesmo de fazer isto”, porque se nós conseguirmos determinar, logo desde o início, quais são as áreas fortes e as áreas fracas no desenvolvimento da linguagem nos bebés com esta condição, nós teremos informação que é crucial para desenhar intervenções precoces para promover a aquisição e o desenvolvimento da linguagem neste grupo clínico. Portanto, foi isso que nos motivou. O que é que nós já descobrimos? A investigação que realizámos mostrou que os bebés com Trissomia 21 não segmentam palavras no contínuo sonoro, não discriminam padrões acentuais, nem aprendem novas palavras, seguindo o mesmo ritmo e o mesmo percurso de desenvolvimento dos bebés de desenvolvimento típico e que também apresentam diferenças em relação aos bebés de risco. Não são só diferentes dos bebés de desenvolvimento típico; em alguns aspetos também são diferentes dos bebés de risco. Todavia, os bebés com Trissomia 21 mostraram as mesmas capacidades iniciais de discriminação da entoação que estão presentes em bebés de desenvolvimento típico. Quando obtivemos este resultado ficámos muito contentes, pois

pensámos que identificámos uma área forte nestes bebés, que poderá ser utilizada em contexto de intervenção como estratégia para trabalhar outras áreas menos fortes. Os estudos também mostraram que os bebés com Trissomia 21 têm padrões de atenção visual e de processamento audiovisual das pistas linguísticas diferentes dos bebés de desenvolvimento típico. Isto sugere que esta é uma outra área que poderá ser trabalhada em contexto de intervenção para promover as suas competências linguísticas; ou seja, trabalhar exatamente o foco da atenção para pistas audiovisuais linguísticas. Um outro resultado que nós achamos bastante importante na investigação que fizemos neste projeto foi a disponibilização de valores de referência para o *CDI (Communicative Development Inventories)*. O *CDI* é um instrumento de avaliação do desenvolvimento da linguagem, tipicamente entre os oito e os trinta meses de idade e que, na versão curta, está assente no desenvolvimento de competências lexicais, quer de compreensão, quer de produção. Como resultado da investigação neste projeto, nós disponibilizámos valores de referência específicos para bebés com Trissomia 21. Assim, em vez dos clínicos e dos profissionais de Saúde em geral, que estão a trabalhar com estes bebés, estarem sistematicamente a compará-los com bebés de desenvolvimento típico, o que é uma comparação desajustada, a ideia é fazer-se aquilo que se faz com os bebés de desenvolvimento típico. Quando nós vamos ver como está o desenvolvimento da linguagem de um bebé de desenvolvimento típico, num determinado momento do seu desenvolvimento, nós vamos compará-lo com os seus pares, isto é, com os outros bebés de desenvolvimento típico. Portanto, aqui a ideia é exatamente a mesma: valores de referência para os bebés com Trissomia 21. Assim, o bebé com Trissomia 21 está a ser comparado com os outros bebés que também têm Trissomia 21. O instrumento e os valores de referência já estão a ser utilizados há vários anos pelos profissionais na área da Saúde e da Educação que trabalham com estes bebés. Acho que esse é um dos resultados de que nós mais nos orgulhamos.

Desempenha, desde 2002, o importante cargo de editora-chefe do Journal of Portuguese Linguistics. Partindo da sua experiência até ao momento, como avalia o processo de coordenar um projeto como este?

Vocês, de facto, prepararam-se muitíssimo bem, porque a par do *BabyLab*, eu diria que o *Journal of Portuguese Linguistics*, abreviadamente *JPL*, é um dos projetos dos quais eu mais me orgulho. Acho que é um projeto muito importante e ter participado na criação da

primeira revista internacional sobre a Linguística portuguesa e ter tido a honra e a responsabilidade de a dirigir tem sido um desafio muito, muito gratificante. É importante dizer que o *JPL* foi sempre, desde o início, um projeto de equipa, aliás, tal como o *BabyLab*. De facto, a ideia foi criar uma revista independente de qualquer instituição, portanto, independente da universidade, da faculdade e do centro de investigação. Tem um comité científico internacional próprio, segue todos os procedimentos das grandes revistas internacionais de referência no campo da Linguística, mas tem esta especificidade que é ser dedicada à publicação de trabalhos de investigação de grande qualidade no domínio da Linguística do Português. Portanto, a ideia foi criar este perfil de revista, e, desde o início, trabalhámos sempre em equipa para atingirmos este objetivo. Entre 2002, quando criámos a revista, e 2015, a revista só existia em formato de papel, no modelo clássico de subscrição. A partir de 2015, nós passámos para formato eletrónico, em acesso aberto, e fomos uma das quatro revistas que esteve ligada à *Fundação Internacional LingOA, Linguistics in Open Access*. Esta Fundação lançou este projeto, *Linguistics in Open Access*, que defende o acesso livre no chamado formato diamante, ou seja, não há custos para as publicações. As publicações são acessíveis a todos e não há custos nem para os autores, nem para os leitores. Eu acho que a revista tem tido sucesso, apesar de estar a falar em causa própria, e acho que esse sucesso se reflete nos 23 volumes que já foram publicados. Creio que são mais de 240 artigos, que têm como autores, na sua grande maioria, investigadores e cientistas não portugueses. Ainda na fase em papel, a revista foi reconhecida pelo *European Research Index for Humanities*, como sendo uma revista de categoria internacional, e presentemente está indexada na *Scopus* no Quartil 2, o que achamos que é bastante bom. Mas, melhor do que tudo isto, é a aceitação da revista pelos autores que submetem os seus trabalhos, pelos leitores que os procuram e pelo facto de estarmos integrados não só na *LingOA*, mas também na *Open Library of Humanities*, que é um grande projeto de acesso aberto. E, se me permitem, eu aproveitava este momento para agradecer a todos os que apoiaram a criação da revista, em particular à professora Inês Duarte, que esteve na génese da criação da revista, a todos os membros da equipa da revista, incluindo a equipa editorial, pelo seu excelente trabalho ao longo dos anos, porque sem isso não tínhamos revista.

No artigo “Development and validation of a parental report of toddlers’ prosodic skills”, que publicou juntamente com outros investigadores, descreve o desenvolvimento e

legitimação da ferramenta de recolha de dados designada de Proso-Quest, que visa avaliar o desenvolvimento prosódico precoce de crianças em Português Europeu. De facto, a elaboração deste instrumento remonta a 2012, no entanto, a sua aplicabilidade é evidentemente atual. Nesse sentido, gostaríamos de saber um pouco sobre o processo de elaboração do Proso-Quest. Além disso, de que forma podemos relacionar a aplicação desta ferramenta com outras áreas do desenvolvimento gramatical?

Esta é uma pergunta bastante específica. Agradeço terem lido o artigo. Sim, é verdade, o desenvolvimento do instrumento *Proso-Quest* remonta a 2012. Quando nós começámos a estudar o papel da Prosódia na aquisição da linguagem e o próprio desenvolvimento prosódico, nós rapidamente percebemos que era fundamental dispor de um instrumento que possibilitasse a avaliação da Prosódia o mais cedo possível no desenvolvimento. A criação deste instrumento, o *Proso-Quest*, responde diretamente a essa necessidade. Portanto, não existia esse instrumento. Aliás, importa referir que o português é a primeira língua a dispor de um instrumento deste género, que permite a avaliação do desenvolvimento prosódico nos primeiros anos de vida. O desenvolvimento do instrumento passou por muitas fases, demorou muito tempo, muitos anos. Desde a seleção dos itens a incluir, as várias etapas de *feedback* dos especialistas, dos pais que participaram na aplicação do instrumento, depois o estudo piloto que foi realizado, a revisão do instrumento, até o estudo final de validação, que foi finalmente publicado nesse artigo em 2023, que saiu *online* e que inclui dados da referência para crianças de desenvolvimento típico que estão a adquirir o português. Presentemente, o instrumento já foi aplicado a mais de 700 crianças, diria eu, incluindo crianças com desenvolvimento típico e atípico. A respeito da relação da aplicação desta ferramenta com outras áreas do desenvolvimento gramatical, o que os estudos nos têm mostrado até agora, e esse é um resultado que tem sido replicado, é que a aquisição precoce de competências prosódicas promove *scores* superiores de desenvolvimento lexical. Isto significa que quanto mais cedo determinadas competências prosódicas são adquiridas, maior é o léxico que os bebés conseguem desenvolver. Mas temos toda uma série de outras áreas para explorar e temos dados para isso, mas esses estudos ainda não estão feitos.

Recentemente, no Jornal Público, a Senhora Professora publicou a reportagem intitulada “Cantigas e histórias para travar os atrasos na linguagem dos bebés”, na qual alerta para o facto de os bebés nascidos em contexto pandemia COVID-19 apresentarem

dificuldades relacionadas com o desenvolvimento da consciência fonológica e da capacidade de leitura de palavras. Deste modo, desenvolveu, juntamente com Marisa Filipe, um plano de intervenção tendo em vista a promoção das competências de linguagem por meio da música. Tendo em conta os dados conhecidos até ao momento, que balanço faz deste projeto-piloto? De que forma avalia o papel dos educadores/docentes no diagnóstico e mitigação destas dificuldades? Por fim, que outros esforços poderão ser tomados de modo a apaziguar os impactos a longo prazo nas competências concernentes à literacia das crianças?

Este é um projeto muito recente. É um projeto piloto que visa testar a aplicabilidade de uma intervenção prosódica para promover as competências de linguagem através da música, num contexto muito específico, que é o contexto em creche. O que nós fizemos foi desenvolver um plano de intervenção sistemática que tem um guião detalhado, que tem sugestões de atividades ajustadas às idades dos bebés, neste caso entre os seis meses e os três anos. Portanto, estamos a intervir antes do pré-escolar. A nossa ideia é que a intervenção e todas as atividades possam ser aplicadas diretamente pelas educadoras. Não é necessário vir ninguém de fora para realizar a intervenção. Nós trabalhamos em equipa, uma vez mais, juntamente com as educadoras. Fizemos várias visitas à escola, assistimos a várias fases de implementação da intervenção, verificámos vídeos que as educadoras periodicamente nos enviavam. Portanto, fomos sempre acompanhando todo o processo. Neste momento, a fase de intervenção do projeto piloto já foi concluída e o que nós estamos a fazer é analisar os resultados do projeto. Ainda não temos os resultados finais, mas podemos desde já dizer que a opinião das educadoras foi muito positiva, tanto em termos de satisfação relativamente à intervenção, pois conseguiram efetivamente aplicar a intervenção, como em relação à percepção que elas têm de que as crianças beneficiaram da intervenção. No ano seguinte, as crianças mostraram-se mais desenvolvidas do ponto de vista linguístico, apresentaram um léxico mais diversificado, começaram a construir frases mais cedo, a comunicar e a interagir mais. Esta é uma percepção subjetiva, naturalmente, mas é a percepção das educadoras. Nós achamos que o papel dos educadores é fundamental. Aliás, foram as educadoras da escola de São Vicente, em Alcabideche, que contactaram a nossa equipa. Isto mostra como o papel dos educadores é fundamental na identificação de dificuldades da linguagem nas crianças. Elas estão, por assim dizer, com as mãos na massa, estão no quotidiano com as crianças e ficaram preocupadas. Contactaram-nos, manifestando as suas preocupações, e, assim, abriram a porta à implementação deste projeto piloto. Portanto, foram elas que vieram ter connosco. Acho que

isso é um aspeto muito importante. Como é que eu avalio o papel dos educadores no diagnóstico e mitigação destas dificuldades? Avalio muito bem. Tem de ser mesmo assim. Agora, que mais é que nós podemos fazer? Que outros esforços podemos desenvolver? Eu tive oportunidade de dizer ao jornalista, na entrevista ao *Público*, que seria muito importante fazer um esforço no sentido de um rastreio, se possível, a nível nacional. Sei que isto é quase idílico, mas seria mesmo muito importante para nós percebermos qual é a real dimensão das dificuldades de linguagem que as crianças apresentam. Os estudos indicam que os efeitos da pandemia perduram no pós-pandemia. Eu acho que saber exatamente qual é a dimensão do problema seria bastante útil, mas se não conseguirmos fazer isso, pelo menos, podemos propor intervenções que sejam gerais e que possam ser aplicadas em creches e jardins de infância, à generalidade das crianças, e que sejam intervenções integradas nas suas atividades regulares, ou seja, não é preciso um esforço adicional, não é preciso contratar mais pessoal para isso, não é preciso mais horas. Nós achamos que esta seria uma boa forma de mitigar o impacto das dificuldades existentes e de promover as competências linguísticas no presente e no futuro, porque nós sabemos que há todo um conjunto de competências predictoras de competências de literacia emergente mais tarde no pré-escolar e por aí fora. Se pudéssemos falar com alguém com capacidade de decisão central a nível político, seria este o meu conselho. Temos trabalhado no sentido de tentarmos construir intervenções simples, que possam ter esta aplicabilidade, sem onerar o Estado e as escolas, e que possam ter alguma vantagem para o desenvolvimento da linguagem das crianças.

Atualmente, quais considera serem as questões mais complexas dentro do domínio da Aquisição da Linguagem? Que problemática a Senhora Professora gostaria que fosse mais profundamente investigada neste âmbito?

Podemos falar de muitas questões, mas eu continuo a achar que a questão mais complexa continua a ser a questão básica e fundamental de como o bebé processa o *input* linguístico que é transiente e rápido. É algo instantâneo, é rápido, passa depressa, é multimodal, não é só som. É um conjunto de pistas muito complexas. Então, como é que o bebé processa isto, extraindo as pistas relevantes para a aquisição de uma ou mais línguas? Para mim, essa continua a ser a grande questão. Uma resposta cabal a esta questão implica muita coisa. Implica conhecermos os mecanismos envolvidos neste processo em cada

momento do desenvolvimento e nomeadamente implica conhecermos as suas bases neurobiológicas e também sensório-motoras. Lá está, a tal multi e interdisciplinaridade de que falámos. Conhecer estes mecanismos irá também permitir perceber melhor o que motiva as diferentes perturbações que afetam a linguagem. Não se trata de descrever as perturbações, mas perceber o que levou a que aquela perturbação exista e desenhar intervenções para as mitigar e formas de as prevenir. Temos muito trabalho pela frente para conseguir fazer isto, mas acho que estamos na altura certa. Esta é a melhor altura de todas, científica e tecnologicamente, para colocarmos estas questões e tentarmos responder a elas. Portanto, se quiserem investigar nesta área, trabalho não falta.

A contribuição da Senhora Professora para a comunidade científica tem sido significativa, de tal modo que, segundo o Index Científico AD de 2024, é atualmente uma das mais influentes cientistas no âmbito da Linguística em Portugal. Nesse sentido, revendo todo o seu percurso, quais considera terem sido os momentos cruciais na sua carreira?

São muitos anos, e é muito difícil identificar e isolar alguns momentos, mas eu acho que consigo destacar três. A minha paixão pela Linguística e pela Fonética aconteceu logo muito cedo, no primeiro ano da licenciatura e depois no segundo cimentou-se. Isso aconteceu muito graças ao entusiasmo de professores muito bons que eu tive. Na verdade, para mim, a minha carreira começou naquele momento e não no momento em que comecei a ser investigadora formalmente. Acho que começou mesmo ali, logo no início, mas vamos aos momentos cruciais. O primeiro momento que eu destaco é o período que passei em Amesterdão, durante o meu doutoramento, com financiamento *Erasmus*. Devo esse *Erasmus*, entre muitas outras coisas essenciais, a uma das minhas orientadoras que foi a Professora Raquel Delgado Martins. Portanto, aproveito a oportunidade para lhe agradecer isso e tudo o resto. Nesse período, em que eu estive em Amesterdão, eu percebi como a investigação que estava a fazer era tão bem recebida por nomes grandes da área científica da Fonética, Fonologia e Prosódia com quem tive oportunidade de contactar muito proximamente, como os Professores Bob Ladd e Carlos Gussenhoven. Nesse período, um outro aspeto que foi importante foi eu ter percebido que, ao contrário do que eu pensava inicialmente, o que eu queria mesmo era ficar em Portugal. Anteriormente, eu pensava que queria fazer investigação lá fora. Mas, quando estive em Amesterdão, percebi que queria ficar em Portugal e contribuir

para a formação de alunos e jovens investigadores em Portugal. Por isso, eu destaco este momento de Amesterdão, que foi bastante importante para o que aconteceu a seguir. Depois, o segundo momento que eu destaco é o da reativação do *Laboratório de Fonética*, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Isto aconteceu em 2007. O *Laboratório* foi criado em 1971 e foi dirigido pela Professora Raquel Delgado Martins até 2001, uma pioneira em muitas áreas, como eu tive oportunidade de vos dizer há pouco, incluindo a Prosódia, a Aquisição, a Língua Gestual Portuguesa. Com a saída da professora Raquel, o *Laboratório* adormeceu. Então, esta reativação em 2007 foi um trabalho conjunto com os Professores Fernando Martins e Marina Vigário e que permitiu o desenvolvimento de vários projetos importantes que contribuíram para a formação de muitos jovens investigadores. Hoje o *Laboratório*, agora chamado *Laboratório de Fonética e Fonologia* e que está integrado no CLUL, o *Centro de Linguística da Universidade de Lisboa*, é o único, em contexto nacional, que está ativo e tem o grande orgulho e responsabilidade de preservar e dar a conhecer o legado de investigação em Fonética com muitas décadas, que está documentado no *Núcleo Museológico* que foi inaugurado em 2020, durante a pandemia. Portanto, destaco esse momento de reativação do *Laboratório*, pois acho que foi muito importante. O terceiro momento que destaco é o da criação do *Baby Lab*, que é um laboratório filho do *Laboratório de Fonética* e que permitiu colocar a língua portuguesa e Portugal no mapa dos estudos experimentais de perceção e de processamento da linguagem nos primeiros anos de vida e que tem atraído muitos estudantes e investigadores. Nós recebemos estudantes de licenciatura, estudantes que querem vir experimentar, fazer investigação, ver como a investigação é feita. Também tem atraído vários investigadores internacionais. Sem o *Baby Lab*, não teria sido possível desenvolver a investigação que conduziu ao *Prémio Maria Teresa Palha*, em 2022, pelo contributo para o conhecimento do neurodesenvolvimento da linguagem na Trissomia 21. Isso é algo de que a equipa do *Baby Lab* se orgulha muito.

Enquanto investigadora, que conselhos daria aos estudantes e novos linguistas que pretendem seguir uma carreira na Linguística, em particular nas áreas da Fonética e da Fonologia?

Penso que as áreas da Fonética e da Fonologia têm talvez uma dimensão particular, que é o trabalho com o som, com as pistas multimodais, que pode ser teórico, mas que pode

também ser experimental, isto é, pode juntar as duas vertentes. Eu diria o seguinte aos estudantes e aos novos linguistas: que se integrem numa equipa de investigação e num projeto de investigação. Eu acho que fazer ciência é cada vez mais um trabalho de equipa e o nosso contributo individual, por mais importante que seja, é uma peça muito pequena que, juntamente com outras, fará um sentido maior no âmbito de um projeto que seja mais global e que fará avançar o conhecimento. Assim, podemos fazer ciência de uma forma mais eficaz e sustentável. Nós não podemos, nem devemos, andar todos a reescrever o que os outros escreveram, a fazer reescrita. Tem que haver uma conceção mais ampla, temos que nos articular em equipa e trabalhar, dando o nosso contributo, a nossa peça, para o projeto que será, inevitavelmente, maior do que nós. Eu nasci em África e há um provérbio africano que diz uma coisa em que acredito profundamente: “Se queremos ir depressa, vamos sozinhos. Se queremos ir longe, vamos juntos”. Em ciência não queremos ir depressa, queremos ir longe e para fazer isso nós temos de ir juntos. Um outro conselho que eu daria aos estudantes e aos novos linguistas é que nunca percam a humildade e a capacidade de se deslumbrarem perante as ideias dos seus mestres, dos seus pares e dos seus alunos, porque nós não temos que competir nem com os nossos mestres, nem com os nossos pares, colegas ou alunos, nem os nossos alunos têm de competir connosco. Nós temos é de colaborar e temos de estar abertos e alimentar esta capacidade de nos deslumbrarmos. Quando ouvimos uma boa ideia, devemos pensar: “Porque é que eu não pensei nisto? Que ideia magnífica! Vamos ajudar a que ela vá para a frente! Vamos contribuir!”. Eu acho que é importante cultivar, sempre, o entusiasmo pelo conhecimento e pela colaboração e partilha do conhecimento. Acho que se nós fizermos isto estamos num bom caminho, estamos a dar, efetivamente, o nosso contributo para o desenvolvimento da ciência, neste caso no domínio da Linguística.

Antes de terminarmos esta entrevista, gostaríamos de lhe colocar uma última questão. Sabemos que o seu trabalho tem sido, até agora, dedicado à Linguística. Contudo, se não tivesse escolhido ser linguista, o que gostaria de estar agora a fazer?

Em jovem, eu pensei que poderia vir a ser escritora e artista. Nunca pensei que viria a ser linguista, não fazia parte dos meus horizontes. Quando entrei na faculdade, eu deixei a escrita literária da juventude e passei à escrita científica. Também deixei a música e passei a ser ouvinte. Adoro música, mas sou só ouvinte. Uma coisa que eu nunca deixei foi a

fotografia, é um *hobby* que tenho e que vou mantendo. Se eu não fosse linguista, eu estaria, talvez, a trabalhar em alguma destas áreas ou então estaria a fazer ciência, também, em áreas da Medicina. Na verdade, muito cedo no secundário, nós temos que escolher entre as Humanidades e as Ciências da Saúde e outras áreas, e eu escolhi as Humanidades e essa porta da Saúde e da Medicina fechou-se logo no momento em que eu escolhi as Humanidades. Por exemplo, a minha filha teve uma educação diferente, numa escola internacional, em que até ao momento de entrar na universidade estão abertas as várias portas, ou seja, pode escolher áreas da Saúde, Humanidades, Artes... O sistema de ensino português não é assim e eu sempre estive indecisa entre as Humanidades, na Literatura, no caso de ser escritora ou artista, e a Medicina, uma área científica que me fascinava. Mas, escolhi uma e fiquei desse lado. Então, estaria a trabalhar numa destas áreas ou a fazer ciência, numa outra área, que seria a da Medicina. Na verdade, eu acho que estas coisas não são assim tão distintas, porque a beleza da arte e a beleza de uma descoberta científica, para mim, são coisas muito próximas. Eu não sei se vocês já olharam para um espectrograma, os monocromáticos e policromáticos, e pensaram: “Eu podia fazer um quadro com isto! Eu podia transformar isto numa obra de arte!”. Por exemplo, se estiverem a trabalhar com um *eye tracker* e fizerem os chamados *heatmaps*, um mapa de calor da distribuição dos padrões do olhar, vão ter a mesma sensação: “Isto podia ser trabalhado para ser uma obra de arte!”. Ou se olharem para as imagens dos padrões de ativação cerebral – outra obra de arte. Qualquer uma destas formas, na verdade, constitui representações artísticas que são lindíssimas e que têm a sua origem na ciência. Portanto, não sei se vou transformar ciência em arte, não sei o que vou fazer quando deixar de ser linguista e deixar de ser cientista, se alguma vez isso acontecer, mas será por aí.

ESTUDO EXPLORATÓRIO SOBRE MODOS DE RELATO DO DISCURSO EM NOTÍCIAS DE AGÊNCIA EM PORTUGUÊS EUROPEU

Ana Luísa Fernandes¹

up201103714@up.pt

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO (PORTUGAL)

RESUMO. Este trabalho visa descrever, caracterizar e calcular a frequência relativa dos modos de relato do discurso em notícias de agência em Português Europeu. Para tal, foram analisadas notícias da Lusa com extensão média de 147 palavras. A estrutura sintática mais frequente foi a subordinação completiva finita (32%), seguida da estrutura OD–V–S (25%). Estruturas com *segundo* e com *de acordo com* ocorreram em 15% dos casos, enquanto “ilhas textuais” de discurso direto (DD) surgiram em 17% dos casos. O DD é o menos frequente (11%). Futuros trabalhos incluirão um *corpus* mais extenso para caracterizar pormenorizadamente as estruturas OD–V–S.

PALAVRAS-CHAVE. Modos de Relato do Discurso, Discurso Direto, Discurso Indireto, Notícias de Agência em Português Europeu.

ABSTRACT. This study aims to describe, characterise, and calculate the relative frequency of speech reporting strategies in news agency texts written in European Portuguese. For this purpose, reports from the Lusa news agency were analysed, with an average length of 147 words. The most frequent syntactic structure was finite complement clause subordination (32%), followed by the DO–V–S structure (25%). Constructions introduced by *segundo* (“according to”) and *de acordo com* (“in accordance with”) occurred in 15% of cases, as insertions of direct speech within indirect speech appeared in 17%. Direct speech was the least frequent form, occurring in only 11% of the instances. Future work will include a larger *corpus* in order to provide a more detailed characterisation of DO–V–S structures.

KEYWORDS. Reported Speech, Direct Speech, Indirect Speech, News Agency Texts in European Portuguese.

¹ Estudante do 1.º ano do 3.º Ciclo de Estudos em Ciências da Linguagem.

1. Introdução

A imprensa inscreve-se, fundamentalmente, na tradição escrita, marcada por uma relação distanciada entre autor e leitor, pela ausência física entre a instância enunciativa e a instância recetora e por um processo de conceptualização por parte de ambas as instâncias na representação do mundo. Esta configuração dá origem a lógicas específicas de produção e de interpretação do discurso (Charaudeau 2006: 113). As notícias são, frequentemente, marcadas pelo seu carácter narrativo, pois consistem no relato de eventos recentes de interesse público, envolvendo um ou mais participantes, situados num tempo e espaços determinados. De forma a garantirem credibilidade nas suas narrativas, os jornalistas recorrem, regularmente, ao discurso indireto para citarem as fontes da informação narrada, que podem ser os próprios participantes, testemunhas ou figuras de autoridade (Silvano, Amorim, Leal, Cantante, Silva, Jorge, Campos & Nunes 2023: 47). A referência a estas entidades é garantia de autenticidade e veracidade e funciona como um método de o autor se descartar da responsabilidade enunciativa, daí o relato do discurso ser extremamente frequente em notícias.

O relato informativo de imprensa, que responde ao objetivo pragmático ou comunicativo do macrogénero da notícia, pode manifestar o seu esquema discursivo e composicional com diferentes graus de elaboração textual e com maior ou menor distanciamento enunciativo e subjetivo, conforme as normas e características do subgénero informativo escolhido pela instância jornalística (Cañete & Teresa 2011: 273). Independentemente da organização textual da notícia e da estrutura composicional dos modos de relato, todos os géneros informativos da imprensa atualizam o contrato comunicativo do macrogénero da notícia e o seu esquema de organização discursiva, dado que “o objetivo de todos os textos pertencentes aos géneros ou subgéneros informativos é informar os leitores sobre um acontecimento que teve lugar no mundo da atualidade e que foi selecionado pela instância mediática (o jornal) por o considerar significativo ou interessante para o público-alvo” (Cañete & Teresa 2011: 273).

Existem alguns trabalhos sobre os modos do relato do discurso para o Português Europeu, dos quais destacamos Isabel Margarida Duarte (1999, 2002, 2004) e Silvano *et al.* (2023), que realizaram algumas considerações relativas aos modos de relato nas notícias. Contudo, não existe nenhum trabalho, de que tenhamos conhecimento, que utilize notícias em Português Europeu como *corpus* de análise para o estudo sintático dos modos de relato do discurso. Consideramos que as notícias de agência são um recurso profícuo para esta matéria, uma vez que “a imprensa é, por excelência, o lugar do relato de discurso” (I. M. Duarte 1999:

100). Para além disso, existem notícias em que mais de 90% das frases são de relato (Freitas, Freitas & Santos 2016: 1).

Posto isto, neste trabalho, definimos como questão de investigação: *Quais os modos de relato do discurso nas notícias de agência em Português Europeu?* Para responder a esta questão, traçamos como principais objetivos:

- i) Descrever os modos de relato do discurso nas notícias que constituem o *corpus*;
- ii) Analisar as características sintáticas dos modos de relato do discurso presentes nas notícias em análise;
- iii) Avaliar a frequência relativa dos diferentes modos de relato nas notícias integrantes do *corpus*.

O *corpus* é constituído por 15 notícias de agência retiradas do *Text2Story Lusa* [Dataset] (Nunes, Jorge, Leal, Amorim, Sousa, Cantante, Silvano & Campos 2023).

Este trabalho estará organizado da seguinte forma: na secção 2, faremos uma revisão teórica sobre as marcas enunciativas e sintáticas que caracterizam o discurso indireto, prestando maior atenção às orações subordinadas declarativas. Na secção 3, descreveremos a metodologia utilizada, centrando-nos numa descrição mais detalhada do *corpus* utilizado. Na secção 4, analisaremos os resultados alcançados. Por fim, na secção 5, apresentaremos as conclusões a que chegamos, bem como pistas para trabalho futuro.

2. Revisão teórica

2.1. Caracterização sintática e enunciativa do Discurso Indireto

Tipicamente, a organização sintática do Discurso Indireto (doravante DI) inclui um verbo declarativo seguido de uma conjunção subordinativa completiva que introduz uma oração subordinada. Dessa subordinação resultam várias consequências: o sistema pessoal e temporal fica relacionado com um único enunciador (o narrador do discurso) e o verbo da oração subordinada fica sujeito à chamada *consecutio temporum*. O complementador *que* introduz, na maioria dos casos, a oração subordinada, como em *O Pedro disse que ia ao cinema*, enquanto no caso das interrogativas, se utiliza, geralmente, a interrogativa indireta *se*, como em *Perguntou se querias ir com ele* (I. M. Duarte 1999: 78). Sobre o estudo das orações subordinadas completivas, destacamos os estudos de Inês Duarte (2003) e Barbosa (2013).

Convém ressaltar que o DI se refere a uma enunciação na qual o enunciado é relatado, ao contrário do Discurso Direto (doravante DD), que o apresenta diretamente (I. M. Duarte

1999: 8). Assim, várias alterações enunciativas são operadas na passagem do DD para o DI. Uma dessas alterações tem que ver com os deíticos temporais e espaciais. Esta diferença em relação ao DD e DI está relacionada com o ponto de referência em relação ao qual se situam. Aliás, podemos dizer que no DI não temos deíticos em sentido absoluto (relacionados com o *eu-aqui-agora*), mas sim anafóricos (não coincidindo, necessariamente, com o centro enunciativo *eu-aqui-agora*). Deste modo, tal como refere Duarte (1999: 80), “o marco de referência encontra-se, no caso dos anafóricos (*nesse dia, no dia seguinte, na véspera*), não no ato de enunciação, mas transposto para outra situação diversa”. Muitas outras alterações acontecem na passagem do DD para o DI, nomeadamente em relação aos tempos verbais, mas que não abordaremos, uma vez não ser esse o objetivo do nosso estudo. Contudo, o que importa ressaltar é que no DI a interpretação do enunciado é alvo de um “filtro retórico e sintático que distorce a identidade original” (I. M. Duarte 1999: 85).

Nas subsecções seguintes, entraremos em maior detalhe relativamente às orações completivas, centrando-nos, essencialmente, nas estruturas que são mais comuns no relato do discurso nas notícias.

2.2. Subordinação completiva

A subordinação completiva constitui um dos principais tipos de subordinação e é caracterizada pelo facto de “a frase subordinada constituir um argumento de um dos núcleos lexicais da frase superior, tendo, por isso, uma distribuição aproximada das expressões nominais” (I. Duarte 2003: 595). Aliás, as orações subordinadas completivas podem ser substituídas por sintagmas nominais (SN), razão pela qual são, também, designadas de substantivas na tradição da gramática (Barbosa 2013: 1824). Vejam-se, portanto, os seguintes exemplos de Duarte (2003: 595):

(1)

- a) [Os críticos disseram [_{Osub} que o filme ganhou o festival]]. = [Os críticos disseram [_{SN} isso]].
- b) [[_{Osub} O filme ter ganho o festival] foi surpreendente]. = [[_{SN} Esse facto] foi surpreendente].
- c) [[_{Osub} Que esse filme tivesse ganho o festival] foi uma agradável surpresa]. = [[_{SN} O resultado do concurso] foi uma agradável surpresa].

Tal como podemos constatar pelos exemplos apresentados, a oração subordinada completiva é, também, um elemento obrigatório e a sua supressão gera agramaticalidade (I. Duarte 2003: 596).

Uma vez que a frase completiva é um argumento de um núcleo da frase superior, é sempre selecionada por este núcleo, podendo esse núcleo ser um verbo, um adjetivo ou um nome. Consoante a categoria sintática a que pertence o núcleo que seleciona a completiva, esta será denominada de verbal, adjetival ou nominal. Para além do referido, as frases completivas podem ser finitas, caso o verbo da frase subordinada esteja no modo indicativo ou conjuntivo (cf. (1a) e (1c), ou não finitas, caso o verbo da frase esteja no infinitivo flexionado ou não flexionado ou no infinitivo gerundivo (cf. (1b) (I. Duarte 2003: 596).

Na subsecção seguinte, exploraremos a subordinação completiva finita, uma vez que é a mais comum dentro do *corpus* em análise.

2.3. Subordinação completiva finita

Independentemente de serem selecionadas por verbos, adjetivos ou nomes, as completivas finitas partilham a propriedade de o verbo ocorrer numa forma finita do indicativo ou conjuntivo (I. Duarte 2003: 597). Ademais, à semelhança do que acontece com as frases completas, simples ou complexas, as orações subordinadas argumentais podem ser de tipos gramaticais diferentes, tal como demonstramos nos exemplos seguintes, retirados de Barbosa (2013: 1832):

i. Tipo declarativo:

(2) a) Eles vêm aí. [frase simples]

b) Dizem [que eles vêm aí]. [oração subordinada]

ii. Tipo interrogativo:

(3) a) Onde foi o João? [frase simples]

b) Perguntaram-me [onde foi o João]. [oração subordinada]

iii. Tipo exclamativo:

(4) a) Que bem que ela canta! [frase simples]

b) Todos sabem [como ela canta bem]. [oração subordinada]

De facto, as orações subordinadas em (2b), (3b) e (4b) têm propriedades formais e semânticas distintas entre si, mas próximas das frases simples. Os termos “asserção”, “pergunta” e “exclamação” aplicam-se a enunciados, ou seja, às produções concretas de um ato de fala. As orações subordinadas (contrariamente às frases completas) não podem formar por si só um enunciado e não estão associadas a uma força ilocutória, não constituindo, portanto, asserções, perguntas ou exclamações. Assim, apesar do conceito de “tipo” se aplicar a orações e a frases com determinadas propriedades formais, as orações também estão integradas em tipos gramaticais diferentes, embora se distingam das frases por não possuírem força ilocutória (Barbosa 2013: 1833).

O tipo gramatical de uma oração subordinada é, geralmente, determinado pelo tipo de predicador que a seleciona. Os verbos de inquirição, como *averiguar*, *investigar* e *perguntar*, combinam-se apenas com orações subordinadas interrogativas, e verbos como *achar*, *acreditar*, *negar* ou *pensar* combinam-se exclusivamente com orações subordinadas declarativas (Barbosa 2013: 1838).

Existem, ainda, outros verbos que se podem combinar com os três tipos de orações completivas, como é o caso do verbo *dizer*, tal como se pode comprovar nos exemplos seguintes, retirados de Barbosa (2013: 1839):

(5)

- a) Eles *disseram* [que o concerto não foi grande coisa]. [declarativa]
- b) Não me *disseram* ainda [se o concerto foi bom]. [interrogativa]
- c) Já me *disseram* [como ela está magra]. [exclamativa]

Na subsecção seguinte, focar-nos-emos nas orações subordinadas do tipo declarativo, dado ser o tipo de subordinação completiva mais comum nas estruturas de relato no *corpus* em análise.

2.4. Orações subordinadas declarativas

Uma frase declarativa é, caracteristicamente, usada para fazer uma asserção. Na subsecção anterior, refletimos sobre o facto de as orações subordinadas não possuírem força ilocutória, mas pertencerem a tipos gramaticais diferentes. Esta diferença é notória quando consideramos a distinção entre discurso direto e indireto, como se pode verificar nos seguintes exemplos retirados de Barbosa (2013: 1833):

(6)

- a) A Maria disse: – Eles vêm aí.
- b) A Maria disse que eles vêm aí.

Na frase em (6a), é realizada uma *menção* da asserção feita pela Maria, enquanto em (6b) é realizado um *relato* do *conteúdo* dessa asserção, mas não menciona o que foi dito diretamente. Para que a elocução em (6a) seja verdadeira, a Maria tem de ter dito, exatamente, a frase “eles vêm aí”, enquanto na elocução (6b) basta que a oração subordinada reproduza o conteúdo da asserção da Maria. Aliás, a Maria pode, até, ter recorrido a palavras diferentes ou até mesmo a uma língua diferente (Barbosa 2013: 1833). Assim, para que a proposição, i.e. “entidade do plano semântico por meio da qual se descreve uma situação, e que pode ter um valor de verdade” (Barbosa 2013: 1833), expressa em (6b) seja verdadeira, basta que a oração subordinada reproduza o conteúdo da asserção da Maria. Posto isto, facilmente se conclui que as orações subordinadas declarativas denotam proposições. Como tal, as frases do tipo declarativo são usadas para *asserir* uma proposição, enquanto as orações subordinadas declarativas, por não possuírem força ilocutória, são usadas para *falar* de proposições, quer descrevendo atos de fala, como em (6b), quer estabelecendo relações lógicas, como em (7a), quer exprimindo diferentes atitudes perante a proposição expressa na oração subordinada, como em (7b), (7c) e (7d) (Barbosa 2013: 1834):

(7)

- a) Esse depoimento implica [que o réu está a mentir].
- b) Acontece [que as flores gostam de sol].
- c) Os católicos acreditam [que há vida para além da morte].
- d) Temo [que me retirem o décimo terceiro mês].

Na secção seguinte, explicaremos a metodologia de análise e descreveremos mais detalhadamente o *corpus* utilizado.

3. Metodologia

3.1. Descrição do *corpus*

O *corpus* utilizado neste estudo é composto por 15 notícias de agência, extraídas do *Text2Story Lusa* [Dataset] (Nunes *et al.* 2023). Estas notícias estão fortemente associadas à

temática criminal, um domínio frequentemente mais narrativo, dado que envolve o relato de acontecimentos, como assaltos ou atividades ilegais interrompidas pelas autoridades. Para mais informações sobre o *Text2Story Lusa*, consulte-se Nunes, Jorge, Amorim, Sousa, Leal, Silvano, Cantante & Campos (2024).

O intervalo temporal coberto pelas notícias do nosso *corpus* vai de 11 de outubro a 27 de dezembro de 2020. A seleção foi realizada em maio de 2024. As notícias selecionadas apresentam uma média de 147 palavras, variando entre um mínimo de 106 e um máximo de 188 palavras. No total, o *corpus* contém 2553 palavras e inclui textos redigidos por diferentes autores.

A escolha deste *corpus* justifica-se pelo facto de as notícias refletirem o uso real da língua em contextos autênticos de comunicação, permitindo assim o acesso a amostras representativas do Português Europeu.

3.2. Metodologia de análise

Foi efetuada uma análise de conteúdo (qualitativa e quantitativa) de um conjunto de 15 notícias de agência, com o objetivo de identificar e descrever os modos de relato de discurso utilizados pelos autores. A análise qualitativa consistiu na anotação manual dos diferentes modos de relato, realizada no Microsoft Word através da atribuição de diferentes cores a cada tipo identificado. Foram consideradas estruturas com verbos finitos e não finitos. Após a anotação manual, procedeu-se a uma análise quantitativa, com o intuito de calcular a frequência relativa dos diferentes modos de relato presentes no *corpus*.

4. Resultados e Análise

O relato do discurso assumiu diferentes configurações sintáticas nas notícias que compõem o *corpus*. A estrutura sintática mais frequente foi a subordinação completiva finita, presente em 32% dos casos de relato de discurso identificados. Uma forma particularmente recorrente, sobretudo na frase de abertura das notícias, é a estrutura com ordem objeto direto-verbo-sujeito (OD-V-S), como ilustrado no seguinte exemplo: *Um homem de 31 anos foi baleado ao final da manhã de hoje em Gulpilhares, Vila Nova de Gaia, e o autor do disparo pôs-se em fuga, disse fonte policial*. Este padrão representou 25% das ocorrências.

Foram ainda identificadas estruturas introduzidas pela preposição *segundo* (*Segundo os Bombeiros, a mulher sofreu ferimentos ligeiros, tendo sido transportada para o Hospital*

de Aveiro) e pela locução prepositiva *de acordo com* (*O condutor do automóvel foi detido no local, de acordo com a mesma fonte*), as quais perfizeram, em conjunto, 15% dos casos.

Verificaram-se também inserções de discurso direto no interior do discurso indireto — as chamadas “*ilhas textuais*” (Authier 1978) — em 17% das frases analisadas, como no exemplo: *Os militares desmobilizaram as pessoas para “cumprimento das normas referentes à pandemia de covid-19”*. Por fim, o discurso direto prototípico revelou-se o modo menos frequente, ocorrendo em apenas 11% dos casos, como em: *“Não houve maneira de reverter a situação dos ferimentos”, referiu fonte do Cometlis*.

A frequência relativa de cada um dos modos de relato identificados pode ser consultada na Tabela 1.

Modo de relato do discurso	Frequência relativa
Orações subordinadas completivas finitas	32%
Estruturas OD–V–S	25%
Estruturas com <i>Segundo/de acordo com</i>	15%
Discurso Direto	11%
Estruturas com “ilhas textuais”	17%

Tabela 1 - Frequência relativa dos modos de relato do discurso.

4.1. Orações subordinadas completivas finitas

Tal como já referimos anteriormente, a subordinação completiva finita foi o modo de relato do discurso mais comum do nosso *corpus*. Podemos observar em (8) todos os exemplos de orações subordinadas completivas finitas retiradas das notícias em análise.

As frases seguem a estrutura [verbo declarativo + conjunção subordinativa completiva *que* + oração subordinada (OD da frase matriz)], à exceção de (f) e (g), que seguem a estrutura [verbo declarativo + OI (complemento indireto da frase matriz) + conjunção subordinativa completiva *que* + oração subordinada (OD da frase matriz)]. Uma vez que todos os verbos das frases subordinadas estão no modo indicativo, podemos dizer que as frases completivas são finitas. No *corpus* em análise, foi detetada apenas uma frase completiva não finita: *A magistrada **explicitou não ter sido** suficiente para a condenação daqueles dois crimes “a prova documental e testemunhal” produzida durante o julgamento, que teve início em outubro*.

Em conformidade com o exposto na secção 2, a frase completiva é um argumento de um núcleo da frase anterior, sendo sempre seleccionada por esse núcleo. No nosso *corpus*, o

núcleo da frase subordinante foi sempre um verbo declarativo, nomeadamente *adiantar* (o mais comum), *dizer*, *referir*, *avançar*, *acrescentar*, *esclarecer*, *declarar* e *explicar*. Podemos, assim, dizer que estamos perante uma completiva verbal, em que o núcleo é um verbo declarativo.

Nos exemplos em (8), são realizados relatos do conteúdo das asserções feitas pelas fontes da informação, mas sem mencionar diretamente as asserções, o que já vimos ser característico das orações subordinadas declarativas.

(8)

- a) O porta-voz da polícia **avançou que** o incidente, que ocorreu pelas 16:00 locais (21:00 em Lisboa) não **provocou** mortos até agora.
- b) Ainda a recolher informações sobre o caso, a PSP **avançou que** o suspeito do crime **terá sido detido** na Avenida Almirante Reis após tentativa de fuga.
- c) A polícia **referiu que aguarda** mais dados relativamente ao suspeito.
- d) À Lusa, fonte da polícia **adiantou** ainda **que** a Polícia Judiciária (PJ) já **foi acionada** por se tratar de um crime de homicídio.
- e) Durante a leitura do acórdão, a juiz presidente do coletivo **adiantou que** o arguido, que se encontra em prisão preventiva após sete anos em fuga, e que não esteve presente na sala de audiências, **foi absolvido** de outros dois crimes de que vinha acusado, designadamente um crime de ofensa à integridade física qualificada e o outro de detenção de arma proibida.
- f) Fonte oficial da Polícia Marítima **adiantou** à Lusa **que** a ocorrência **teve** lugar perto do meio-dia e que o homem chegou a ser alvo de “reanimação cardiorrespiratória” no local.
- g) Fonte do Instituto Nacional de Emergência Médica (INEM) **disse** hoje à Lusa **que** o alerta para o caso da Gandarela, no concelho de Celorico de Basto, envolvendo uma pessoa encontrada com trauma grave, por razão desconhecida, **foi dado** pelas 21:45 de domingo.
- h) **Acrescentou que** os primeiros meios de socorro a chegar ao local, da Cruz Vermelha local, **encontraram-no** já em paragem cardiorrespiratória.
- i) A GNR **referiu** ainda **que** o condutor **se colocou** em fuga, mas, entretanto, já foi identificado.
- j) A polícia **adianta que** o sexagenário **acabou** por alvejar um jovem do grupo com um disparo de arma de fogo, provocando-lhe ferimentos consideráveis num ombro e braço.
- k) Em comunicado, a Câmara do Porto **esclareceu**, entretanto, **que** o acidente que provocou a queda de um poste de eletricidade **envolveu** um veículo da Empresa Municipal de Ambiente do Porto e já decidiu averiguar o que terá acontecido.
- l) Desconhecendo mais pormenores, a PSP **adiantou que** o alerta **foi dado** às 23:30 e que, no local, foram apenas levadas a cabo diligências no sentido de socorrer as vítimas.

- m) Em declarações à Lusa, fonte da GNR **disse que** o condutor da viatura **era** um homem que transportava bivalves e que estaria a tentar sair do local.
- n) Em comunicado, o Comando Territorial de Faro da GNR **adianta que**, na sequência de uma denúncia a informar sobre a existência de “uma festa com música ao vivo num estabelecimento de bebidas”, militares do Posto Territorial de São de Alportel deslocaram-se ao local para fiscalizar a ocorrência.
- o) Na nota é ainda **referido que** o proprietário foi identificado e foi elaborado “um auto de contraordenação”.
- p) O presidente da Câmara Municipal da Ribeira Brava, Ricardo Nascimento, **declarou** à Lusa **que** “as forças policiais ainda estão a apurar as causas do incêndio”.
- q) Fonte do Comando Territorial da GNR da Guarda **disse** à Lusa **que** o motociclo seguia na Estrada Nacional 17, no sentido Celorico da Beira - Cortiço da Serra, e o despiste ocorreu “alguns metros antes da localidade de Cortiço da Serra”, que pertence ao concelho de Celorico da Beira.

4.2. Estruturas OD–V–S

Uma das estruturas sintáticas frequentemente utilizadas para o relato do discurso nas notícias é a que apresentamos nos exemplos em (9). Trata-se de uma construção particularmente típica neste tipo de narrativa, verificando-se que, em 12 das 15 notícias analisadas, a frase inicial adota esta configuração. Nesta estrutura, observa-se uma inversão da ordem canónica dos constituintes frásicos, surgindo o objeto direto (OD) em posição inicial, seguido por um verbo de relato (V), eventualmente acompanhado de um objeto indireto (OI), que pode estar presente ou ausente, e, por fim, pelo sujeito da frase.

(9)

- a) Um homem de 29 anos morreu hoje depois de ter sido esfaqueado nas costas junto ao mercado de Arroios, em Lisboa, na sequência de um desentendimento, informou à agência Lusa a PSP. [OD–V–OI–S]
- b) O incidente provocou vários feridos, alguns dos quais tiveram de ser transportados para vários hospitais da 'Big Apple', explicou à agência France-Presse (AFP) a polícia de Nova Iorque (NYPD). [OD–V–OI–S]
- c) A Polícia Judiciária está a investigar a morte de um homem de cerca de 60 anos encontrado em Gandarela, Celorico de Basto, no distrito de Braga, com indícios de lesão grave cranioencefálica, confirmou hoje fonte daquela polícia. [OD–V–S]

- d) Um homem de 31 anos foi baleado ao final da manhã de hoje em Gulpilhares, Vila Nova de Gaia, e o autor do disparo pôs-se em fuga, disse fonte policial. [OD-V-S]
- e) A vítima foi atingida no braço esquerdo, sendo entretanto conduzida ao hospital Santos Silva, em Vila de Gaia, distrito do Porto, pelos bombeiros de Valadares, indicou fonte desta corporação. [OD-V-S]
- f) Um homem de 52 anos morreu hoje, e um outro sofreu ferimentos ligeiros, na sequência de um acidente com um camião que derrubou um poste de eletricidade na Rua da Constituição, no Porto, disse à Lusa fonte da PSP. [OD-V-OI-S]
- g) Um homem de 31 anos ficou hoje ferido com gravidade quando cortava uma árvore, em Regilde, no concelho de Felgueiras, e caiu numa ravina com cerca de sete metros, disse à Lusa fonte dos bombeiros. [OD-V-OI-S]
- h) A vítima terá sido atingida pela queda da árvore, cerca das 17:55, acabando projetada para a ravina, acrescenta a fonte da corporação de Felgueiras. [OD-V-S]
- i) Uma mulher de 44 anos foi hoje atropelada sem gravidade na Murtosa, distrito de Aveiro, durante um protesto com cerca de dezenas de mariscadores, informaram os Bombeiros e a GNR. [OD-V-S]
- j) Um homem morreu hoje na sequência de um incêndio que deflagrou na sua habitação, no concelho da Ribeira Brava, por “possível inalação de fumo”, disse à Lusa fonte dos bombeiros da localidade. [OD-V-OI-S]
- k) Um homem com 34 anos morreu hoje, na Estrada Nacional 17, em Celorico da Beira, no distrito da Guarda, na sequência do despiste do motociclo que conduzia, disseram à agência Lusa fontes da proteção civil e da GNR. [OD-V-OI-S]
- l) Pelo menos sete pessoas foram mortas e outras sete ficaram feridas num ataque com uma faca no nordeste da China, noticiaram hoje os meios de comunicação estatais. [OD-V-S]
- m) Um homem morreu e outro ficou ferido no domingo à noite em Algueirão-Mem Martins, em Sintra, no distrito de Lisboa, na sequência de uma “desordem com arma de fogo”, informou hoje à agência Lusa a PSP. 13 [OD-V-OI-S]

Estas frases apresentam muitas semelhanças com a subordinação completiva finita. Contudo, parece existir uma certa independência sintática e semântica entre as orações, o que nos leva a questionar se estaremos perante uma subordinação. Atentemos nos seguintes exemplos (10) derivados da alínea (9a):

(10)

- a) Um homem de 29 anos morreu hoje depois de ter sido esfaqueado nas costas junto ao mercado de Arroios, em Lisboa, na sequência de um desentendimento.

b) Informou à agência Lusa a PSP.

c) A PSP informou à Lusa que um homem de 29 anos morreu hoje depois de ter sido esfaqueado nas costas junto ao mercado de Arroios, em Lisboa, na sequência de um desentendimento.

As frases (10a) e (10b) são gramaticais, o que nos parece demonstrar uma certa independência semântica e sintática. Contudo, não podemos negar que na frase (9a) *informar* corresponde a um verbo transitivo direto e indireto e que [*um homem de 29 anos morreu hoje depois de ter sido esfaqueado nas costas junto ao mercado de Arroios, em Lisboa, na sequência de um desentendimento*] corresponde ao OD do verbo *informar*, [*à agência Lusa*] corresponde ao OI e [*a PSP*] ao sujeito.

São, igualmente, inegáveis as semelhanças entre a frase original na alínea (9a) e a completiva finita da alínea (10c). De facto, as alterações que fizemos em (10c) prendem-se apenas com a ordem dos constituintes e a introdução da conjunção subordinativa completiva *que*.

À semelhança do que acontece nos exemplos apresentados na subsecção anterior para as completivas finitas, nos casos aqui apresentados estamos sempre perante um verbo declarativo, nomeadamente *dizer* (o mais frequente), *informar*, *explicar*, *confirmar*, *indicar*, *acrescentar* e *noticiar*. De igual forma, é realizado um relato do conteúdo da asserção feita pela fonte da informação, mas sem mencionar diretamente a asserção, o que já vimos ser característico das completivas declarativas. A inversão dos constituintes da frase em relação às completivas, com o OD a apresentar-se no início, advém de uma tentativa de o autor apresentar primordialmente a informação mais importante, de forma a captar o leitor para a continuação da leitura da notícia. Aliás, não será por acaso que 12 das 15 notícias em análise apresentam esta estrutura na sua frase inicial. Após a apresentação da informação mais importante, que nesta estrutura sintática corresponde ao OD, o autor descarta a responsabilidade do discurso que cita, mencionando as fontes a que recorreu (ocupando o lugar de sujeito da frase), contribuindo para a aparência de objetividade do discurso narrado.

Importa ainda destacar as semelhanças entre as estruturas OD–V–S e os exemplos de discurso direto apresentados em 4.5. Com efeito, a principal diferença entre estes casos parece residir na ausência de aspas. Compare-se, por exemplo, a seguinte frase: *A vítima terá sido atingida pela queda da árvore, cerca das 17:55, acabando projetada para a ravina, acrescenta a fonte da corporação de Felgueiras* com “*Terá sido um desentendimento entre*

*dois indivíduos que envolveu uma arma branca, tendo um deles sido esfaqueado na zona das costas”, disse fonte do Cometlis. A distinção entre as duas configurações prende-se essencialmente com a pontuação, uma vez que a estrutura sintática das duas frases é bastante similar. Esta estrutura parece aproximar-se de fenómenos descritos por Matos (2013) como *quotative inversion*, nos quais a inversão do sujeito é obrigatória em frases com suplementos oracionais e cujo núcleo é um verbo que denota um ato de fala declarativo ou interrogativo.*

4.3. Estruturas com *Segundo/De acordo com*

Outras das estruturas que fomos capazes de detetar foram as que continham a preposição *segundo* ou a locução prepositiva *de acordo com*. Estas funcionam como marcadores de responsabilidade enunciativa, atribuindo a responsabilidade da informação a uma fonte específica. Os exemplos encontrados podem ser consultados em (11). A estrutura mais comum foi a iniciada pela preposição/locução prepositiva, à exceção de (11a) e (11g), nas quais o sintagma preposicional surge no final da frase.

(11)

- a) O condutor do automóvel foi detido no local, **de acordo com** a mesma fonte.
- b) **Segundo** um comunicado da PJ, o presumível agressor terá disparado sobre a vítima na sequência de um conflito com um grupo de convivas que se encontrava a almoçar na coletividade, no Alto da Guerra.
- c) **De acordo com** a fonte das Relações Públicas do Comando Metropolitano da PSP do Porto, o poste de iluminação foi derrubado pela grua do camião atingindo o homem que circulava na rua.
- d) **De acordo com** o comandante Júlio Pereira, a vítima é bombeiro em Vizela e teve de ser resgatada pela equipa de grande ângulo da corporação.
- e) **Segundo** os Bombeiros, a mulher sofreu ferimentos ligeiros, tendo sido transportada para o Hospital de Aveiro.
- f) **Segundo** fonte do Comando Distrital de Operações de Socorro (CDOS) da Guarda, o alerta para o sinistro foi dado pelas 14:28.
- g) Estiveram no local do acidente cinco viaturas e dez elementos dos Bombeiros Voluntários de Celorico da Beira, da VMER da Guarda e da GNR, **segundo** fonte do CDOS.
- h) **Segundo** a mesma fonte da corporação dos Bombeiros Voluntários da Ribeira Brava e Ponta do Sol, na zona oeste da Madeira, “o homem já se encontrava morto por possível inalação de fumo e gases”, visto “o quarto onde se encontrava a vítima não apresentar sinais de fogo”.

4.4. Estruturas com “ilhas textuais”

Conseguimos, ainda, detetar, nas notícias em análise, uma mistura de discurso direto e discurso indireto, isto é, palavras em DD, delimitadas por aspas, incluídas dentro de um relato de DI. Estas palavras em DD dentro do DI foram denominadas por Authier de “ilhas textuais” (Authier 1978), conforme citado em I. M. Duarte (1999: 95). Os exemplos encontrados são apresentados em (12). Contudo, tal como afirma Duarte (1999: 100), “contrariamente ao que possa pensar-se, nem sempre essas aspas que assinalam DD no relato de imprensa pretendem significar que reprodução de palavras é exacta e objectiva. Frequentemente, querem apenas responsabilizar o locutor das palavras citadas pela respectiva enunciação, porque o jornalista não partilha o ponto de vista do locutor citado e deseja demarcar o seu texto do texto do outro”. O valor principal destas “ilhas textuais” é enfatizar e criar um efeito do real. Nas palavras de Authier:

L’îlot à connotation autonymique dans un DI [...], où L utilise les mots de 1, revient à «épingler» ce fragment comme intraduisible: l’îlot a une valeur de *bloquage de l’opération de traduction*, déclarée localement impossible, ce qui donne une sorte de *valeur autonymique «emphatique»*, très propre en particulier à la polémique.»

(Authier (1978) segundo Duarte (1999: 95))

(12)

- a) Em comunicado, o Comando Territorial de Faro da GNR adianta que, na sequência de uma denúncia a informar sobre a existência de **“uma festa com música ao vivo num estabelecimento de bebidas”**, militares do Posto Territorial de São de Alportel deslocaram-se ao local para fiscalizar a ocorrência.
- b) Os militares desmobilizaram as pessoas para **“cumprimento das normas referentes à pandemia de covid-19”**.
- c) Na nota é ainda referido que o proprietário foi identificado e foi elaborado **“um auto de contraordenação”**.

- d) A magistrada explicou não ter sido suficiente para a condenação daqueles dois crimes **“a prova documental e testemunhal”** produzida durante o julgamento, que teve início em outubro.
- e) Um homem morreu e outro ficou ferido no domingo à noite em Algueirão-Mem Martins, em Sintra, no distrito de Lisboa, na sequência de uma **“desordem com arma de fogo”**, informou hoje à agência Lusa a PSP.
- f) O presidente da Câmara Municipal da Ribeira Brava, Ricardo Nascimento, declarou à Lusa que **“as forças policiais ainda estão a apurar as causas do incêndio”**.
- g) Fonte do Comando Territorial da GNR da Guarda disse à Lusa que o motociclo seguia na Estrada Nacional 17, no sentido Celorico da Beira - Cortiço da Serra, e o despiste ocorreu **“alguns metros antes da localidade de Cortiço da Serra”**, que pertence ao concelho de Celorico da Beira.
- h) **“Aparentemente foi um despiste”**, disse a fonte, indicando que as causas do acidente estão a ser apuradas pelo Núcleo de Investigação de Crimes em Acidentes de Viação da GNR.
- i) Segundo a mesma fonte da corporação dos Bombeiros Voluntários da Ribeira Brava e Ponta do Sol, na zona oeste da Madeira, **“o homem já se encontrava morto por possível inalação de fumo e gases”**, visto **“o quarto onde se encontrava a vítima não apresentar sinais de fogo”**.

4.5. Discurso direto

Embora com uma frequência muito menor do que o discurso indireto, também foi possível detetar no nosso *corpus* formulações de discurso direto. Todas as frases em discurso direto seguiram a mesma estrutura [menção + verbo de relato + sujeito]. Os verbos encontrados foram *dizer* (o mais frequente), *referir* e *declarar*. Os dados a respeito do discurso direto podem ser consultados em (13).

13)

- a) “Terá sido um desentendimento entre dois indivíduos que envolveu uma arma branca, tendo um deles sido esfaqueado na zona das costas”, **disse fonte do Cometlis**.
- b) “Não houve maneira de reverter a situação dos ferimentos”, **referiu fonte do Cometlis**.
- c) “Os pescadores tentaram evitar que ele saísse de lá. A situação incendiou-se um bocadinho e o senhor forçou a saída com a viatura, tendo atropelado uma senhora”, **disse a mesma fonte**.

d) “Quando lá chegámos, o fogo já se encontrava no hall de entrada da habitação e já tinha consumido um quarto de dormir, mas não o quarto onde a vítima se encontrava”, **declarou Roberto Gonçalves, chefe de serviço da corporação.**

e) A vítima, **disse**, era “um homem na casa dos 70 anos”.

f) “A empresa ordenou já a abertura de um processo de averiguação interna às causas deste acidente estando também, naturalmente, disponível para colaborar com as autoridades”, **assinala o município** lamentando a morte e endereçando as condolências à sua família.

5. Conclusão

Neste trabalho, analisámos os modos de relato do discurso em 15 notícias de agência redigidas em Português Europeu. Optámos por este *corpus* porque a imprensa em geral e as notícias em particular constituem um espaço privilegiado para a ocorrência de diferentes formas de relato.

Os dados revelaram que o relato do discurso assume diferentes configurações sintáticas nas notícias analisadas. A estrutura sintática mais recorrente foi a subordinação completiva finita, presente em 32% dos casos. As frases seguem, na maioria dos casos, a estrutura [verbo declarativo + conjunção subordinativa completiva *que* + oração subordinada (OD da frase matriz)]. Apenas se registou um caso de oração completiva não finita; todas as restantes eram finitas, com o verbo da subordinada no presente do indicativo.

Uma outra forma bastante comum de relato consiste numa estrutura iniciada pelo objeto direto, seguida do verbo e com o sujeito colocado na posição final da frase (estrutura OD–V–S). Este padrão apresentou uma frequência relativa de 25% e ocorreu, notavelmente, na frase de abertura de 12 das 15 notícias analisadas. Trata-se de uma estrutura que partilha características com as orações completivas e que se distingue do discurso direto apenas pela ausência de aspas. Esta configuração aproxima-se dos fenómenos descritos por Matos (2013) sob a designação de *quotative inversion*, nos quais a inversão do sujeito é obrigatória em frases com suplementos oracionais cujo núcleo é um verbo de fala declarativo ou interrogativo.

Identificaram-se também modos de relato introduzidos pela preposição *segundo* e pela locução prepositiva *de acordo com*, com uma frequência relativa de 15%. Estas expressões funcionam como marcadores de responsabilidade enunciativa, transferindo a autoria da informação para uma fonte específica.

Em 17% dos casos, observou-se a presença de intromissões de discurso direto no seio do discurso indireto — designadas por Authier (1978) como “ilhas textuais”. Estas inserções têm um papel relevante na criação de efeitos de autenticidade e verosimilhança.

Por fim, o discurso direto propriamente dito foi o menos frequente, surgindo em apenas 11% das frases analisadas.

Este estudo exploratório trouxe contribuições para o aprofundamento do estudo dos modos de relato do discurso, cujos estudos se mantêm escassos para o Português Europeu. De que tenhamos conhecimento, este é o primeiro trabalho a destacar a estrutura OD–V–S como um padrão recorrente e característico da linguagem jornalística. Em investigações futuras, propomos alargar o *corpus* a notícias de maior extensão e diversidade temática, com vista a uma caracterização mais abrangente e rigorosa deste tipo de construções.

Referências

- Authier, J. 1978. Les formes du discours rapporté. Remarques syntaxiques et sémantiques à partir des traitements proposés. *DRLAV* (17): 1–87.
- Barbosa, P. 2013. Subordinação argumental finita. Em *Gramática do Português* (Vol. 2, 1819–1897). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Pisa Cañete, M. T. 2011. La construction discursive de l'événement rapporté dans les textes des genres informatifs de la presse française. *Çédille, revista de estudios franceses* (7): 272–305. <https://www.ull.es/revistas/index.php/cedille/article/view/1390>.
- Charaudeau, P. 2006. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto.
- Duarte, I. 2003. Subordinação Completiva – as orações completivas. Em *Gramática da Língua Portuguesa* (6.ª ed., 594–651). Lisboa: Caminho.
- Duarte, I. M. 1999. O relato de discurso na ficção narrativa: contributos para a análise da construção polifónica de “Os Maias” de Eça de Queirós. Tese de doutoramento, Universidade do Porto.
- Duarte, I. M. 2002. O relato de discurso na Crónica da Tomada de Ceuta de Gomes Eanes de Zurara. *Actas do Encontro Comemorativo dos 25 anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto*. Porto: CLUP, 207–215.
- Duarte, I. M. 2004. A Ilustre Casa de Ramires: Maturidade do relato de discurso em Eça de Queirós. *Actas do Colóquio Internacional Literatura e História*. Porto: Departamento de Estudos Portugueses e Estudos Românicos da Faculdade de Letras, 215–221.
- Freitas, C.; Freitas, B.; Santos, D. 2016. QUEMDISSE? Reported speech in Portuguese. *Proceedings of the Tenth International Conference on Language Resources and Evaluation (LREC'16)*. Portorož: European Language Resources Association (ELRA), 4410–4416.
- Matos, G. 2013. Quotative inversion in Peninsular Portuguese and Spanish, and in English. *Catalan Journal of Linguistics* 12: 111–130.
- Nunes, S., Jorge, A., Leal, A., Amorim, E., Sousa, H., Cantante, I., Silvano, P.; Campos, R. 2023. Text2Story Lusa [Dataset]. INESC TEC.

<https://doi.org/10.25747/ET95-BX90>.

- Nunes, S., Jorge, A., Amorim, A., Sousa, H., Leal, A., Silvano, P., Cantante, I.; Campos, R. 2024. Text2Story Lusa: A Dataset for Narrative Analysis in European Portuguese News Articles. Proceedings of the 2024 Joint International Conference on Computational Linguistics, Language Resources and Evaluation (LREC-COLING 2024). Torino: ELRA and ICCL, 15773–15782.
- Silvano, P.; Amorim, E.; Leal, A.; Cantante, I.; Silva, F.; Jorge, A.; Campos, R.; Nunes, S. 2023. Annotation and visualisation of reporting events in textual narratives. Proceedings of Text2Story 2023: Sixth Workshop on Narrative Extraction From Texts. Dublin: CEUR-WS.org, 47–62.

VALOR SEMÂNTICO DOS MARCADORES DISCURSIVOS EM INGLÊS E PORTUGUÊS EUROPEU

Mariana Pinto¹

up201905001@up.pt

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO (PORTUGAL)

RESUMO. Os marcadores discursivos são basilares na estruturação de um texto e ajudam a estabelecer relações de significado entre as partes do mesmo. Neste estudo, realizou-se uma análise de marcadores discursivos multipalavra, bem como das relações discursivas por eles sinalizadas num *corpus* paralelo bilingue, composto por diferentes *TED Talks* em Inglês e as suas respetivas traduções em Português Europeu (PE). A elaboração da análise baseou-se num esquema de anotação criado a partir da norma ISO 24617-8 proposto em Silvano *et al.* (2022). Os resultados obtidos demonstram que os marcadores discursivos utilizados nas traduções entre as duas línguas diferem em número, embora as relações discursivas não se alterem. Constatou-se, também, que existem relações discursivas que predominam no *corpus*, nomeadamente as relações de expansão e exemplificação. Além disso, foi possível identificar marcadores discursivos capazes de assinalar mais do que uma relação discursiva, assim como a ocorrência de casos em que as traduções em PE omitem os marcadores, resultando em relações discursivas implícitas.

PALAVRAS-CHAVE. Marcadores Discursivos, Relações Discursivas, *Corpus* Bilingue, *TED Talks*, Esquema de Anotação.

ABSTRACT. Discourse markers are fundamental in structuring a text and help to establish meaning relations between its parts. In this study, an analysis of multiword discourse markers and the discourse relations they signal was conducted on a parallel bilingual *corpus*, composed of different *TED Talks* in English and their respective translations into European Portuguese. The elaboration of the analysis was based on an annotation scheme created from the ISO 24617-8 standard proposed by Silvano *et al.* (2022). The results obtained show that the discourse markers used in the translations between the two languages differ in number, although the discourse relations do not change. It was also found that there are discourse relations that predominate in the *corpus*, namely the relations of expansion and exemplification. Furthermore, it was possible to identify discursive markers capable of signaling more than one discursive relation, as well as the occurrence of cases in which EP translations omit markers, resulting in implicit discourse relations.

¹ Estudante do 2.º ano do 3.º Ciclo de Estudos em Ciências da Linguagem.

KEYWORDS. Discourse Markers, Discourse Relations, Bilingual *Corpus*, TED Talks, Annotation Scheme.

1. Introdução

O presente trabalho incide sobre os valores semânticos que os marcadores discursivos multipalavra (*multiword discourse markers*) podem veicular e como esses valores podem ser representados através de relações discursivas. A análise desses valores semânticos basear-se-á, neste estudo, numa abordagem comparativa linguística, isto é, entre duas línguas, o Inglês (doravante EN) e o Português Europeu (doravante PE). Os tipos de texto selecionados para a análise em questão são monólogos/discursos orais que pertencem a uma série de conferências intituladas *TED Talks*, direcionadas a um público em presença. Estes discursos versam sobre conteúdos ou ideias que, segundo a própria organização, são “ideias que merecem ser disseminadas”. A seleção das *TED Talks* para a análise deste estudo deve-se à grande quantidade de instrumentos comunicativos que são utilizados no decurso dos monólogos (Silvano, Damova, Valunaité, Liebeskind, Chiarcos, Trajanov, Truică, Apostol & Bączkowska 2022: 2742) para se captar a atenção do público e dinamizar o discurso, sendo os marcadores discursivos um dos principais instrumentos. Em relação à escolha dos marcadores discursivos multipalavra, constatam-se ainda lacunas na investigação sobre este tipo de expressões entre diferentes línguas. Como Silvano & Damova (2023: 443) referem, estão a ser desenvolvidos métodos de deteção automática de marcadores discursivos, mas essa deteção é problemática quando os marcadores são compostos por mais do que uma palavra. Por essa razão, as expressões multipalavra que funcionam como marcadores discursivos representam um desafio na extração e análise de *corpora* bilingue/multilingue, sendo importante contribuir para esse espectro de investigação.

O problema envolvido no tema em foco poderá ser formulado da seguinte forma: “Num *corpus* paralelo, em EN e PE, os marcadores discursivos multipalavra mantêm valores semânticos equivalentes e são expressos por expressões multipalavra correspondentes?”. A seleção deste tema prende-se, então, com a necessidade de se verificar os valores semânticos que os marcadores discursivos veiculam, especificamente marcadores com mais do que uma palavra, e avaliar as relações discursivas que denotam em línguas de origens linguísticas distintas. As questões de investigação de partida, às quais se pretende obter respostas com a realização deste estudo, são as que se seguem:

1. “Que marcadores discursivos multipalavra assinalam as diferentes relações discursivas em EN?”;
2. “Que marcadores discursivos multipalavra são usados na tradução para PE?”;
3. “As relações discursivas mantêm-se as mesmas na tradução do EN para PE?”;
4. “Quais são os marcadores discursivos e as relações discursivas mais frequentes nas duas línguas?”;
5. “De que modo os marcadores discursivos e as relações discursivas identificadas permitem caracterizar o tipo de texto em que ocorrem?”.

Tendo em conta as questões de investigação apresentadas, os objetivos que se visa atingir são os seguintes: (i) identificar marcadores discursivos multipalavra em EN e PE em *TED Talks*; (ii) classificar as relações discursivas que os marcadores identificados assinalam; (iii) verificar se as relações discursivas se mantêm na tradução entre as duas línguas; (iv) analisar os marcadores discursivos, assim como as relações discursivas mais frequentes no *corpus*; (v) caracterizar o tipo de texto em questão com base nos marcadores discursivos e relações discursivas apontados. A metodologia a ser adotada neste estudo é simultaneamente qualitativa e quantitativa, uma vez que o tratamento dos dados parte da elaboração de comparações quantificáveis entre as duas línguas em relevo e, adicionalmente, da interpretação dos resultados obtidos. É de ressaltar, ainda, que a metodologia mencionada se aplica a um *corpus* bilingue, constituído precisamente por *TED Talks*, para a análise e identificação de marcadores discursivos e a consequente anotação de relações discursivas sinalizadas pelos marcadores identificados em EN e PE – a análise de um *corpus* bilingue, constituído por *TED Talks* e as suas traduções, permite não só comparar diferentes línguas e estudar tendências de tradução, mas também compreender como se realizam estudos comparativos, considerando que a anotação é aplicada ao mesmo tipo de textos (Silvano *et al.* 2022: 2743).

2. Revisão de literatura

2.1 Marcadores discursivos e propostas de análise

O primeiro conceito-chave a abordar neste estudo é a noção de marcador discursivo. Com base em Apostol, Truică, Damova, Silvano, Oleškevičienė, Liebeskind, Trajanov, Bączkowska, Montecchiari & Chiarcos (2025: 2), os marcadores discursivos são um conjunto de expressões linguísticas que carregam informação sobre a estrutura do discurso e que têm

um propósito crucial na sua compreensão, sendo fundamentais para se identificar mecanismos subjacentes à organização oral e escrita discursiva (Silvano *et al.* 2022: 2739). Na visão de Lopes (1998: 363–364), os marcadores ou conetores discursivos guiam a interpretação do discurso, proporcionando instruções que tendem a facilitar o processamento da informação intendida pelo locutor. Estas expressões podem ser formadas por uma única palavra ou constituírem-se como expressões multipalavra, sendo extraídas principalmente de classes sintáticas como conjunções, advérbios e frases preposicionais (Fraser 2009), ou de expressões pragmáticas (Schiffrin 2001; Maschler & Schiffrin 2015; Oleškevičienė, Liebeskind, Trajanov, Silvano, Chiarcos & Damova 2021: 8). Em termos gerais, os marcadores conectam unidades discursivas, servindo várias funções, quer em monólogos, quer em interações que pressupõem comunicação, como diálogos e conversações. Estas funções envolvem (mas não só) o estabelecimento de relações de coerência entre orações ou frases, busca por aprovação, indicação de hesitações, preenchimento de pausas, encorajamento conversacional (uso de *tag questions*), facilitação do turno de conversação, sinalização de mudanças de tópico, marcação de limites nos turnos conversacionais, expressão de incertezas/moderação de afirmações (*hedging*), transmissão de atitudes e gestão das interações entre os interlocutores (Jucker & Ziv 1998: 1).

O conceito de marcador discursivo é um conceito amplamente debatido, existindo vários rótulos intercambiáveis para a sua designação, tais como: *pragmatic marker* (Fraser 1996), *pragmatic particle* (Östman 1981), *discourse connective* (Blakemore 2006) e *discourse particle* (Schourup 2018). Segundo Apostol *et al.* (2025: 3), os marcadores discursivos foram estudados, ao longo do tempo, a partir de diferentes abordagens teóricas, desde abordagens de organização e estruturação de discurso até análises mais específicas que se centram no estabelecimento de dependências locais (Prasad, Dinesh, Lee, Miltsakaki, Robaldo, Joshi & Webber 2008) ou na sinalização de posições epistémicas (funções atitudinais e afetivas) (Sanders, Spooren & Noordman 1992; Bączkowska 2016). Enquanto as primeiras propostas começam por perspetivar os marcadores discursivos como elementos que auxiliam na estruturação discursiva ou como recursos que possibilitam a mudança de tópico, propostas mais recentes entendem que os marcadores discursivos podem sinalizar atividade mental (Schourup 2018), expressar atitudes, sentimentos e disposição (Ochs 1996), veicular expressões de cordialidade ou incerteza (Aijmer 2013) ou captar o envolvimento dos interlocutores (Fischer 2006; Apostol *et al.* 2025: 3). Entende-se, portanto, que a estabilização

deste conceito é uma tarefa complexa, devido à multiplicidade de funções que os marcadores discursivos podem servir na veiculação de informações semânticas e pragmáticas².

Muitos outros autores revelam também importantes contribuições para a definição e classificação de marcadores discursivos em PE (incluindo análises contrastivas entre o PE e outras línguas), abordando as suas funções discursivo-textuais na organização e coesão de textos (Lopes 1998, 2013, 2014, 2018; Duarte 2003; Lopes & Carapinha 2017; Pinto 2018; Duarte & León 2020). Outros estudos também são importantes na medida em que se debruçam sobre a análise de marcadores discursivos utilizados em interações orais, nomeadamente sobre marcadores conversacionais (Pimentel & Silva 2013) e a sua produção como mecanismos de atenuação ou intensificação no ensino do Português como língua estrangeira (Gomes & Silva 2014).

Importa, ainda, sublinhar algumas das conceções basilares existentes na literatura que versam sobre a noção de marcador discursivo e tentam designar este conceito bastante difuso. Na definição de Zwicky (1985: 303), os marcadores discursivos devem ser separados de outras palavras funcionais, tendo ocorrências frequentes no início das frases e sendo prosodicamente separados do seu contexto circundante por pausas, alterações de entoação, ou ambos. Já o interesse de Schiffrin (1987: 24) relativamente aos marcadores discursivos prende-se com a forma como estes contribuem para a coerência do discurso, defendendo que a coerência é construída através de relações entre unidades adjacentes no discurso. Além disso, o autor apresenta uma definição abrangente, que engloba tanto conetores (e.g. *mas, porque, na verdade*) como partículas pragmáticas mais recorrentes da fala (e.g. *bem, quero dizer, sabes*). O autor também aponta para a multifuncionalidade dos marcadores discursivos, distinguindo três estruturas que podem ser por eles assumidas (inclusive, em simultâneo): (i) estruturas que ligam proposições (*ideational structure*); (ii) estruturas que definem a organização dos atos de fala (*action structure*); (iii) estruturas que geram as interações conversacionais (*exchange structure*). Os marcadores discursivos podem, ainda, ter significados coocorrentes e atender a diferentes objetivos em simultâneo (Petukhova & Bunt 2009). Fraser (1987) também abordou os marcadores discursivos, mas considerando uma perspetiva gramatical pragmática. Na sua perspetiva, os marcadores discursivos são geralmente expressões lexicais que não contribuem para o conteúdo proposicional da frase, mas sim para a sinalização de diferentes tipos de mensagens. Posteriormente, o autor concentrou-se no estatuto gramatical dos marcadores

² No contexto deste estudo, os marcadores discursivos são analisados como elementos linguísticos de organização discursiva, que sinalizam relações semânticas entre orações e contribuem para uma interpretação mais coesa.

discursivos, caracterizando um marcador discursivo como uma expressão linguística que: (i) tem um significado central que pode ser enriquecido pelo contexto; (ii) sinaliza a relação entre o enunciado que o marcador discursivo introduz e o enunciado precedente (Fraser 1999: 936). Nesse sentido, para Fraser, os marcadores discursivos sinalizam uma relação entre um aspeto do segmento discursivo de que fazem parte, chamado S2 (segmento 2), e algum aspeto de um segmento discursivo anterior, chamado S1 (segmento 1) (Fraser 1999: 936 ss.).

2.2. Relações discursivas e propostas teóricas

As relações discursivas são outro conceito importante para o enquadramento teórico deste estudo. Nas palavras de Hobbs (1985: 1), para que um texto seja considerado efetivamente um texto, ele tem de ser coerente – na leitura de um texto, verifica-se que ele está estruturado de uma determinada forma, estabelecendo ligações de significado entre as ideias que vão sendo desenvolvidas. A noção de relação discursiva foi introduzida no âmbito dos estudos do discurso, tendo-se originado da necessidade de se representar e explicar certos contextos, como, por exemplo, eventos ou sequências de pretéritos em que não há sucessividade temporal, mas sim subeventos de um mesmo evento, ou seja, sobreposição temporal. As relações discursivas permitem, pois, formalizar as relações de significado ou de sentido que se estabelecem entre os diferentes segmentos de um texto. Estas relações são igualmente fundamentais para se interpretar e compreender a estrutura de um discurso.

Silvano (2010: 169) explica que as relações discursivas foram sendo introduzidas em várias teorias, nas quais se adotaram diferentes terminologias ou designações para o mesmo tipo de instrumento descritivo, entre elas: *logical-semantic connectives* (Crothers 1979), *rhetorical predicates* (Mann & Thompson 1986), *coherence relations* (Kehler 2002) e *rhetorical relations* (Asher & Lascarides 2003). Existem ainda definições para a descrição das relações discursivas que variam de teoria para teoria. Silvano (2010: 169 ss.) distingue entre definições baseadas na semântica das relações retóricas (Hobbs 1985; Kehler 2002; Asher & Lascarides 2003), nas intenções do locutor (Grosz & Sidner 1986) e, também, na combinação da semântica das relações retóricas e intenções (Mann & Thompson 1988). O modo como as relações discursivas são formalizadas também varia, dado que há propostas que assumem que as relações são constructos descritivos usados para analisar a estrutura do discurso (Grosz & Sidner 1986; Asher & Lascarides 2003), ou entidades cognitivas com existência psicológica, que modelam os processos cognitivos (Hobbs 1985; Mann & Thompson 1988; Sanders *et al.* 1992; Silvano 2010: 169-170 ss.).

Entre as várias propostas teóricas sobre as relações discursivas, há duas propostas em concreto que se afiguram como mais adequadas para a análise do *corpus* do presente estudo. A primeira teoria, denominada *Rhetorical Structure Theory* de Mann & Thompson (1988) (doravante RST), é uma teoria descritiva bastante útil para a representação da estrutura hierárquica dos textos e para a descrição de textos naturais. Trata-se de uma teoria que caracteriza as relações que se estabelecem entre as partes de um texto, no que diz respeito às funções que essas partes cumprem, identificando o ponto de transição da relação e a extensão dos itens relacionados. Todavia, é necessário frisar alguns problemas/desvantagens relativos a esta proposta, como aponta Silvano (2010: 188): em primeiro lugar, é uma proposta que define as relações discursivas com base nas intenções do locutor, negligenciando a contribuição de outras fontes de informação relevantes; em segundo lugar, impõe restrições demasiado fortes, impossibilitando a inclusão de mais do que uma relação a ligar duas unidades discursivas. Há casos em que dois segmentos podem veicular mais do que uma relação discursiva, havendo vários pontos de informação que intervêm na relação, e esta teoria não inclui essa hipótese (Silvano 2010: 188 ss.). A segunda teoria a abordar é denominada *Segmented Discourse Representation Theory*, de Asher & Lascarides (2003) (doravante SDRT), e é uma teoria que estuda o discurso, interpretando-o com recurso aos contributos da pragmática, da semântica lexical e composicional, e da inteligência artificial. Esta teoria propõe apresentar um modelo de interpretação do discurso, no âmbito da semântica dinâmica, enriquecendo assim a noção de contexto. Esta introdução implica uma linguagem formal mais rica e complexa, incluindo diferentes fontes de armazenamento de informação. Para além disso, esta teoria captura as relações temporais entre as eventualidades descritas no discurso, dando conta da estrutura temporal discursiva. Vale ressaltar, ainda, que há diferentes fontes para a computação/processamento do discurso nesta proposta: a semântica lexical e composicional; o conteúdo do contexto do discurso; o conhecimento do domínio; os estados cognitivos/intenções dos agentes envolvidos. Estas fontes de informação estão ligadas através de uma lógica aglutinadora (*glue logic*) e são fundamentais para se descrever o conteúdo do discurso que é processado. Em suma, a SDRT é uma teoria semântica dinâmica, caracterizada por princípios e mecanismos robustos, rigorosos e intrincados que permitem uma representação completa do discurso (Silvano 2010: 210).

3. Metodologia

3.1 Constituição do *corpus* e procedimentos de análise

Primeiramente, após a recolha e consulta de fontes bibliográficas relevantes para sustentar este estudo do ponto de vista teórico, foi constituído um *corpus* bilingue com excertos orais de 49 *TED Talks* que contêm marcadores discursivos multipalavra com valor semântico em EN e as traduções desses mesmos excertos em PE (a tradução das frases foi assistida por computador, mas retificada por humanos). A constituição do *corpus* parte de um *corpus* multilingue³ de transcrições publicamente disponíveis de *TED Talks* que abrange nove línguas: Búlgaro, Lituano, Alemão, PE, Hebraico, Romeno, Polaco e Macedónio, sendo o EN a língua base (*pivot language*). O *corpus* incorpora oito conjuntos de dados bilingues, cada conjunto com exemplos alinhados em EN (que possuem expressões multipalavra, potencialmente com a função de marcadores discursivos) e numa outra língua, das que foram enumeradas. Além disso, as traduções dos contextos em que surgem marcadores discursivos multipalavra em EN não são apenas traduções literais – o *corpus* multilingue⁴ permite observar particularidades em relação ao tipo e distribuição de marcadores discursivos em cada língua (Silvano *et al.* 2022: 2743).

A partir do *corpus* bilingue constituído para este estudo (inicialmente constituído por 4398 frases em EN e as suas traduções para PE), foram selecionados aleatoriamente 100 exemplos de frases em EN e, naturalmente, as respetivas traduções em PE dessas mesmas 100 frases originais. O critério levado em consideração para a seleção de frases foi a presença de marcadores discursivos com mais do que uma palavra com valor semântico, com base nas noções teóricas de Schiffrin (2001) e Fraser (2009), descartando-se frases que contivessem marcadores com valor pragmático (Schiffrin 1987; Fraser 2009; Crible & Cuenca 2017) ou de atribuição (Zeyrek, Mendes, Grishina, Kurfalı, Gibbon & Ogrodniczuk 2020; Silvano *et al.* 2022). Depois da constituição do *corpus*, procedeu-se à análise dos segmentos com os marcadores discursivos formados por mais de uma palavra na língua de partida (EN). Identificou-se, num primeiro momento, os argumentos de cada relação retórica (as frases foram divididas em dois argumentos, sendo o argumento 2 aquele que possui o marcador discursivo⁵) e, num segundo momento, as funções semânticas que cada argumento cumpria.

³ O *corpus* multilingue é uma expansão contínua do *corpus* paralelo TED-EHL hospedado no repositório LINDAT/CLARIN-LT, que pode ser acedido no seguinte *link*: <https://clarin.vdu.lt/xmlui/handle/20.500.11821/34>.

⁴ Consultar o artigo de Silvano *et al.* (2022) para mais informações sobre o *corpus* multilingue mencionado.

⁵ Exemplo: “Doctor availability went up, medicines came on hand, (argumento 1 – reason) and **as a result**, patient visits went up by 25 percent in less than a year (argumento 2 – result).”

Com a identificação dos argumentos e das funções semânticas desempenhadas por cada argumento, prosseguiu-se à anotação da relação discursiva assinalada pelo marcador discursivo detetado. Por fim, executou-se o mesmo procedimento para a língua de chegada (PE). O tratamento dos dados e a respetiva anotação foram realizados numa folha de cálculo, em Microsoft Excel, na qual se criaram colunas relativas a cada elemento identificado, na seguinte ordenação: (i) frase em EN; (ii) marcador discursivo identificado na frase; (iii) argumento 1; (iv) função semântica do argumento 1; (v) argumento 2; (vi) função semântica do argumento 2; (vii) relação discursiva. Foi aplicada a mesma disposição e ordem de elementos nas traduções para PE. É importante mencionar que se trata de um *corpus* paralelo, com os exemplos dispostos alinhadamente (os exemplos em EN apresentam-se em linha com as traduções em PE).

Posteriormente, com a anotação da totalidade do *corpus* finalizada, realizou-se uma análise qualitativa e quantitativa dos dados. Nesta análise, a apresentação dos resultados quantitativos baseou-se na elaboração de gráficos e tabelas com recurso a certas funcionalidades do programa Microsoft Excel, como a filtragem automática de determinados intervalos de dados, que permitiram a descrição e interpretação dos parâmetros considerados. Deste modo, foram tecidas algumas observações mediante os dados quantificados que se alcançaram.

Sucintamente, os procedimentos metodológicos deste estudo seguiram a seguinte ordem de etapas: (i) constituição de um *corpus* bilingue, com 100 frases em EN e 100 frases correspondentes às traduções das frases originais em PE, extraídas de diferentes *TED Talks*; (ii) análise das relações discursivas quanto à sua divisão em argumentos (argumento 1 e argumento 2); (iii) identificação das funções semânticas de cada argumento; (iv) anotação da relação discursiva sinalizada pelo marcador discursivo patente em cada segmento; (v) elaboração de gráficos e tabelas, com o auxílio de filtros do programa Microsoft Excel, para a descrição e interpretação dos resultados obtidos.

3.2. Norma utilizada para a anotação

Para a anotação do *corpus*, foi utilizada a norma ISO 24617 – *Language resource management – Semantic annotation framework (SemAF)*, que fornece esquemas de anotação semântica de cobertura extensiva (Silvano *et al.* 2022: 2741). Para determinar o significado dos marcadores discursivos foi aplicada, particularmente, a parte 8 – *Semantic relations in discourse, core annotation schema (DR-core)*, a qual ajuda a determinar o valor semântico das

diferentes relações discursivas, estabelecendo um padrão esquemático e uniformizando a terminologia para a realização da anotação discursiva. Segundo a norma (ISO 2016: 1), o objetivo é estabelecer a representação de relações discursivas locais, entre situações mencionadas no discurso. Em suma, trata-se de um documento que fornece uma base para se anotar relações discursivas, especificando um conjunto de categorias que definem uma coleção de tipos de relações discursivas com valor semântico explícito (ISO 2016: *passim*). A norma faz a distinção entre dois tipos de relações discursivas: relações assimétricas, nas quais os dois argumentos assumem funções semânticas específicas, e relações simétricas, nas quais os argumentos não apresentam mudança de função semântica e, por isso, assumem a mesma função.

Apesar da existência de muitas outras propostas que servem de anotação de *corpora*, como a RST (Mann & Thompson 1988), CCR (*Cognitive Approach to Coherence Relations* de Sanders *et al.* (1992)), SDRT (Asher & Lascarides 2003), PDTB (*Penn Discourse TreeBank* de Prasad *et al.* (2008)), e de várias taxonomias, como as propostas de Cuenca (2013) e de Crible & Zufferey (2015), optou-se pela norma ISO 24617-8 pelo facto de proporcionar um esquema de anotação abrangente, capaz de cobrir as especificidades linguísticas de diversas línguas, o que é útil para o tipo de *corpus* utilizado neste estudo. Na tabela abaixo (Tabela 1), é possível verificar as relações discursivas contempladas na norma referida, que serão abordadas com mais profundidade no decurso deste estudo:

Discourse Relations			
Asymmetric	Semantic Role		Symmetric
	Arg 1	Arg 2	
Cause	result	reason	Conjunction
Expansion	narrative	expander	Contrast
Asynchrony	before	after	Synchrony
Concession	expectation-raiser	expectation-denier	Similarity
Elaboration	broad	specific	Disjunction
Exemplification	set	instance	Restatement
Manner	achievement	means	
Condition	consequent	antecedent	
Negative Condition	consequent	negated-antecedent	
Purpose	enablement	goal	
Exception	regular	exclusion	
Substitution	disfavoured-alternative	favoured-alternative	

Tabela 1 - Conjunto de relações discursivas (Bunt & Prasad 2016) in Silvano *et al.* (2022).

4. Resultados e Discussão

4.1. Análise dos marcadores discursivos em EN e PE

A partir do *corpus* constituído para este estudo, realizou-se, como referido na secção da metodologia, uma análise qualitativa e quantitativa dos dados recolhidos. As primeiras análises a apresentar focam-se nos marcadores discursivos utilizados em EN e PE, com realce nos marcadores que se expressam com mais frequência. O primeiro gráfico (Gráfico 1) debruça-se sobre os marcadores discursivos encontrados em EN, fundamentado na análise do *corpus*:

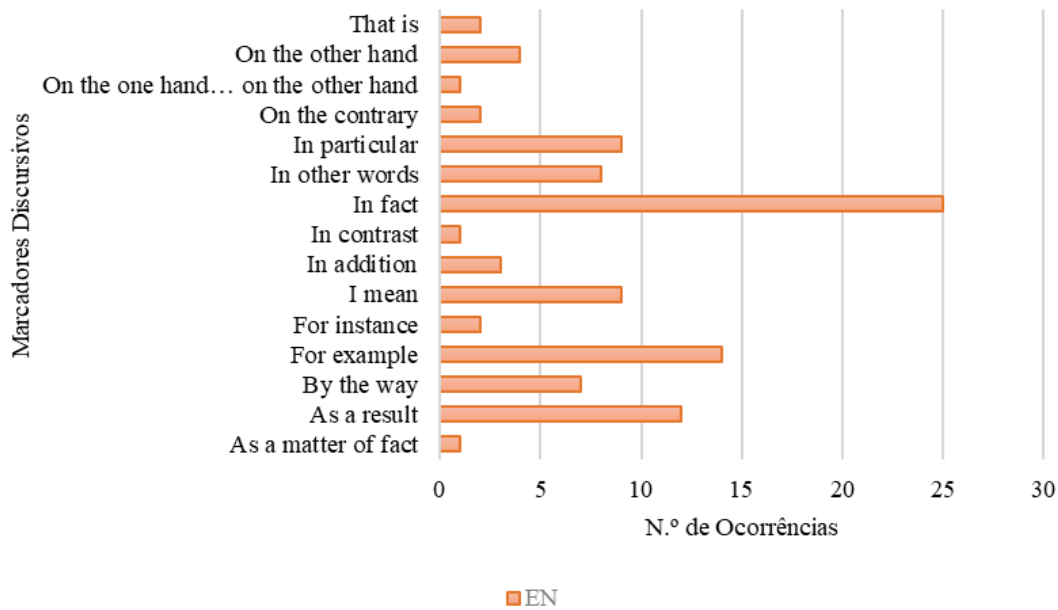


Gráfico 1 - Distribuição e frequência dos marcadores discursivos em EN.

Com base no gráfico apresentado, foram apontados, no total, 15 marcadores discursivos em EN, sendo os marcadores *in fact* (25), *for example* (14) e *as a result* (12) os mais frequentes no *corpus*. Outros marcadores como *in particular* (9), *I mean* (9), *in other words* (8) e *by the way* (7) também apresentam valores consideráveis de frequência. Naturalmente, outros marcadores ocorrem com menor regularidade, entre eles: *on the other hand*, *in addition*, *for instance*, *on the contrary* e *that is*. Marcadores discursivos como *on the one hand... in the other hand*, *in contrast* e *as a matter of fact* aparecem uma única vez nas frases contempladas no *corpus*.

O segundo gráfico (Gráfico 2) a analisar incide sobre os marcadores discursivos encontrados em PE, ou seja, nas traduções dos marcadores previamente apresentados em EN, no qual se observa um aumento considerável na variedade de marcadores:

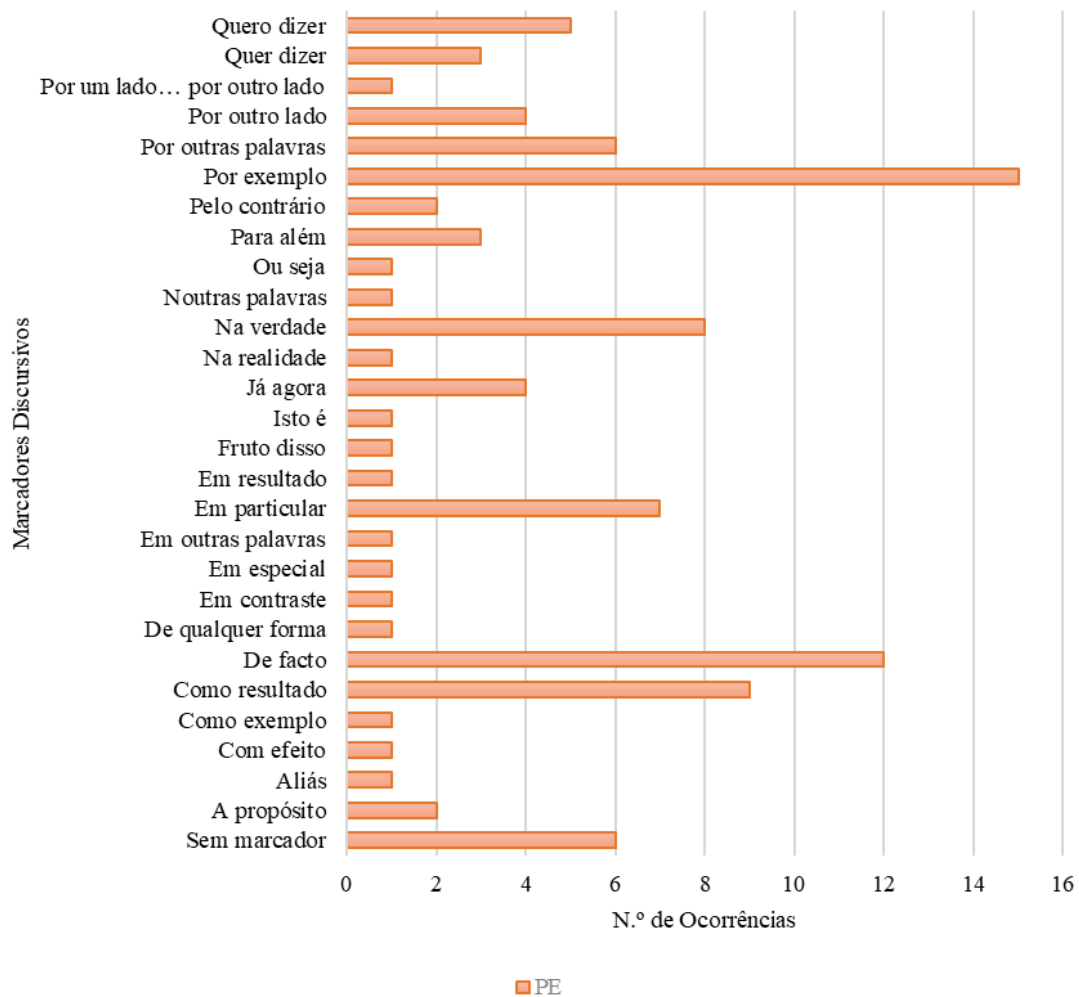


Gráfico 2 - Distribuição e frequência dos marcadores discursivos em PE.

Ao todo, foram detetados 27 marcadores discursivos em PE, como se pode observar no gráfico. Os marcadores discursivos com um maior número de frequência são *por exemplo* (15), *de facto* (12) e *como resultado* (9), que correspondem a traduções diretas dos marcadores mais frequentes em EN. Foram detetados, inclusive, outros marcadores com um número de ocorrências igualmente considerável, como *na verdade* (8), *em particular* (7), *por outras palavras* (6), e casos em que não existe um marcador discursivo, sendo a relação discursiva realizada de modo implícito (6). É de notar que, para além dos marcadores mais frequentes anteriormente mencionados, também surgem outros marcadores variados, tais como: *quero dizer*, *já agora*, *por outro lado*, *para além* e *pelo contrário*. Torna-se importante salientar, ainda, que 15 marcadores discursivos da totalidade dos 27 marcadores detetados ocorrem unicamente uma vez no *corpus*, como: *com efeito*, *fruto disso*, *de qualquer forma*, *isto é*, entre outros. Constatase, sobretudo, que o número de marcadores discursivos

utilizados nas traduções em PE subiu significativamente em comparação ao EN, de 15 para 27 marcadores discursivos.

Pode-se afirmar, mediante os resultados quantitativos, que os marcadores utilizados em PE são mais variáveis em relação ao EN. Esta variação lexical poderá dever-se às diferentes possibilidades de locuções do PE para se codificar relações discursivas. Além disso, Zufferey & Cartoni (2012: 232) defendem que as línguas variam muito nos seus usos de marcadores discursivos e na forma como são expressos discursivamente – o EN e o PE não parecem ser exceção. Contudo, percebe-se também que muitos dos marcadores discursivos utilizados em PE são marcadores morfologicamente próximos, que funcionam como versões idênticas ou nuances do mesmo marcador: *noutras palavras/em outras palavras/por outras palavras; quero dizer/quer dizer; por exemplo/como exemplo; como resultado/em resultado*. Em EN não se verificam marcadores tão semelhantes dos pontos de vista morfológico e lexical como em PE.

4.2. Análise das relações discursivas em EN e PE

Nesta segunda secção dos resultados e da conseqüente discussão, procedeu-se à análise das relações discursivas existentes em EN e PE. O seguinte gráfico (Gráfico 3) apresenta a regularidade e número de ocorrências de cada uma das relações discursivas presentes no *corpus*, contabilizando-se no total 8 relações diferentes:

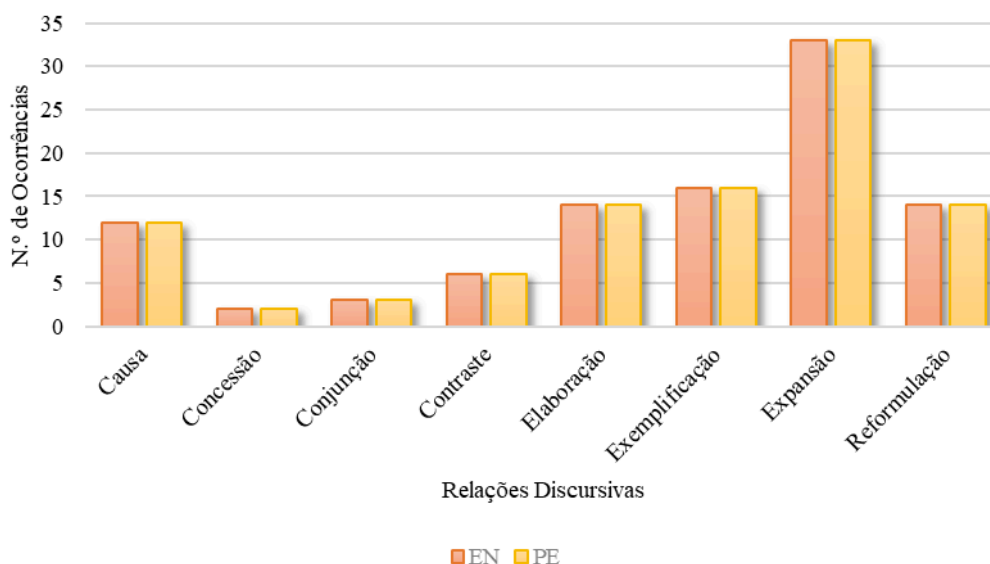


Gráfico 3 - Distribuição das relações discursivas em EN e PE.

No gráfico apresentado, observam-se as relações discursivas que os marcadores discursivos anteriormente denotados marcam nas frases contempladas no *corpus*. Em ambas as línguas, a frequência de cada relação é a mesma, uma vez que não se assistiu a nenhuma alteração de relação discursiva na tradução do EN para o PE. A relação discursiva predominante é, claramente, a relação de expansão (33), seguida das relações de exemplificação (16), elaboração (14), reformulação (14) e causa (12). As relações discursivas de contraste (6), conjunção (3) e concessão (2) são as que apresentam uma presença mais reduzida no *corpus*. É de notar que a relação de expansão é caracterizada, no esquema de anotação (ISO 2016: 10), como sendo uma relação muito abrangente, que envolve várias ligações de significado, e isso poderá ser um dos motivos para o seu elevado número de ocorrências no *corpus*. Nas palavras de Silvano *et al.* (2022: 2746), em algumas instâncias, são necessárias novas relações discursivas, com um maior nível de especificação, particularmente na relação de expansão. Noutras propostas teóricas, como a SDRT, a relação de expansão da norma ISO 24617-8 corresponderia às relações *background* ou de elaboração, existindo assim mais opções de relações discursivas possíveis para a classificar.

É igualmente importante fazer algumas observações relacionadas com os resultados quantitativos alcançados que demonstram as relações discursivas com maior número de ocorrências, com recurso a alguns exemplos isolados para uma melhor interpretação e compreensão dos mesmos. Vejam-se os seguintes exemplos para os dois tipos de relações discursivas mais frequentes (expansão e exemplificação), retirados do *corpus*:

- (1) “Then we make molecules that we can trap on paper, like a pregnancy test. **In fact**, there's a whole world of paper tests that are becoming available in a field called paper diagnostics.”
(relação de expansão - EN)

- (2) “So we all have our own biases. **For example**, some of us tend to think that it's very difficult to transform failing government systems.” (relação de exemplificação - EN)

Verifica-se no exemplo (1) que o locutor começa por abordar um assunto e, depois, fornece informações adicionais sobre esse mesmo tópico que está a desenvolver, através do uso do marcador discursivo *in fact*. Oralmente, quando se está a contar alguma coisa, é natural acrescentar-se informações sobre o tópico que está a ser desenvolvido, de modo a levar o interlocutor a sentir-se contextualizado na história/situação que está a ser contada. Este tipo de relação é a mais frequente no *corpus* como já mencionado anteriormente, o que poderá querer

dizer que nas *TED Talks* é comum expandir-se a narrativa, assunto ou cenário relevante para a interpretação do argumento 1.

Outra relação também muito frequente no *corpus* é a relação de exemplificação, de índole argumentativa, apresentada no exemplo (2). No discurso argumentativo é também frequente a defesa de argumentos, de modo a sustentar-se uma determinada ideia contida no argumento 1, recorrendo-se para isso a exemplos que apoiem a argumentação. No exemplo, o locutor enuncia algo que considera verdadeiro e, de forma a defender a sua posição ou convicção, recorre a um exemplo para fundamentar o que acredita ser verdade, atendendo ao uso do marcador *for example*. Este é outro tipo de relação que ocorre regularmente nas frases consideradas no *corpus*.

Importa, além do mais, apontar para as relações discursivas com um menor número de ocorrências no *corpus*, isto é, as relações de conjunção, contraste e concessão, e determinar algumas razões para justificar os seus valores reduzidos em comparação aos valores das outras relações que surgem com mais frequência. Visto que as *TED Talks* são de registo oral, o que implica o uso de linguagem mais simples, direta e de fácil compreensão para se captar a atenção de um público amplo, e, para mais, apresentam forte ênfase na narração, é compreensível que estruturas argumentativas mais complexas ou muito elaboradas, que enfatizam posições contrastantes, apresentem menos ocorrências num tipo de texto essencialmente oral. Ora, em monólogos orais, como é o caso das *TED Talks*, há apenas um locutor envolvido na situação comunicativa e não vários interlocutores em interação⁶, o que faz com que não existam intercâmbios dialogais ou negociações de conflitos de opinião, a partir de atos de fundamentação, questionação, crítica, concessão, etc.

4.3. Análise conjunta dos marcadores e relações discursivas em EN e PE

Nesta última secção, será feita uma análise conjunta dos marcadores e relações discursivas em EN e PE. A primeira análise abarca os marcadores discursivos utilizados para cada relação discursiva em EN e a sua correspondência em PE, nomeadamente as traduções utilizadas (Tabela 2). Para além disso, está patente o número de ocorrências de cada marcador discursivo em cada relação discursiva⁷:

⁶ Apesar de, tipicamente, não existir interação entre o locutor e o público em monólogos orais como as *TED Talks*, isso não invalida a existência de marcas interacionais no discurso, nomeadamente de marcadores discursivos pragmáticos (cf. Silvano *et al.* 2022).

⁷ O marcador discursivo com o maior número de ocorrências em cada relação discursiva encontra-se sublinhado a amarelo.

	Marcador Discursivo EN	N.º de Ocorrências EN	Marcador Discursivo PE	N.º de Ocorrências PE	
R e l a ç ã o D i s c u r s i v a	Causa	As a result	Como resultado	9	
			Em resultado	1	
			Fruto disso	1	
	Concessão	On the other hand	2	Por outro lado	2
	Conjunção	In addition	3	Para além	3
				In contrast	1
	Contraste	On the contrary	2	Pelo contrário	2
		On the other hand	2	Por outro lado	2
		On the one hand... on the other hand	1	Por um lado... por outro lado	1
	Elaboração	As a matter of fact	1	Aliás	1
		By the way	1	Já agora	1
		In fact	1	De facto	1
		In particular	9	Em particular	7
	Em especial			1	
	Exemplificação	That is	1	Ou seja	1
		For example	14	Por exemplo	15
		For instance	2	Como exemplo	1
	Expansão	By the way	6	Já agora	3
				A propósito	2
				De qualquer forma	1
		I mean	2	Quero dizer	2
In fact		24	De facto	11	
			Na verdade	8	
			Na realidade	1	
	Com efeito		1		
That is	1	Isto é	1		
Reformulação	In other words	8	Quer dizer	3	
			Quero dizer	3	
			Por outras palavras	6	
			Noutras palavras	1	
			Em outras palavras	1	

Tabela 2 - Distribuição e frequência dos marcadores discursivos por relação discursiva em EN e PE.

Ao analisar a tabela, é possível inferir que alguns marcadores discursivos assinalam mais do que uma relação discursiva e, por isso, são ambíguos, pois permitem mais do que uma leitura. De acordo com Silvano *et al.* (2022: 2745), as línguas particulares podem apontar para uma série de variações na forma como as relações discursivas são interpretadas, quando

introduzidas por um mesmo marcador discursivo. Esta variação de interpretações também se deve à polifuncionalidade de muitos dos marcadores discursivos do PE, assim como em marcadores de outras línguas. Ademais, como Lopes (2018: 45) constata, os significados denotados por diversos marcadores não são homogêneos, ou seja, há marcadores que operam em diversos domínios da significação discursiva, sendo que esses domínios resultam das funções que a linguagem verbal desempenha em sede de discurso. Considerem-se os seguintes exemplos, nos quais o marcador discursivo *in fact* está a ser utilizado em dois tipos de relações discursivas distintas:

- (3) “So you can imagine the scale of this problem. And **in fact** in India alone, 62 percent of all injections given are unsafe.” (*in fact* na relação de expansão - EN)
- (4) “But what was credible, what is biological and scientific fact, is that we all stem from Africa - **in fact**, from a woman called Mitochondrial Eve who lived 160,000 years ago.” (*in fact* na relação de elaboração - EN)

No exemplo (3), o marcador *in fact* está a assinalar a relação de expansão, pois o locutor dá a conhecer um determinado problema e, de seguida, oferece mais informações sobre esse mesmo problema, colocando em destaque uma percentagem para corroborar a veracidade do que afirmou. Já no exemplo (4), o mesmo marcador discursivo está a assinalar uma outra relação, a relação de elaboração. Neste caso, o locutor começa por introduzir um facto científico e depois especifica, afunilando e detalhando uma parte da informação previamente enunciada.

É igualmente possível reconhecer as traduções que foram utilizadas para cada marcador discursivo em EN, assim como as traduções preferidas para os casos em que existe mais do que uma tradução disponível. Nota-se que as variações lexicais encontradas nas traduções em PE são abundantes em determinados marcadores discursivos em EN (e.g. *as a result* na relação de causa, *by the way* e *in fact* na relação de expansão, *in other words* na relação de reformulação). Há um caso em concreto em que o marcador discursivo em EN, com mais de uma palavra (*as a matter of fact*), é traduzido em PE com uma só palavra (*aliás*). É também interessante perceber que as traduções preferidas em PE são próximas dos marcadores discursivos originais em EN, tanto em termos de significado como na estrutura morfológica e lexical, correspondendo a traduções diretas em alguns casos: *as a result/como*

resultado; for example/por exemplo; in contrast/em contraste; in fact/de facto; in other words/por outras palavras; in particular/em particular; on the contrary/pelo contrário.

Na tabela também se nota que, para cada relação discursiva, são utilizados marcadores diversificados, com ocorrências divergentes em ambas as línguas. Estão apontadas, igualmente, as frequências do marcador discursivo dominante em cada relação discursiva. Na relação de causa, em EN, verifica-se que o marcador mais utilizado é *as a result* (12) e em PE é o marcador *como resultado* (9). Na relação de concessão, constata-se que apenas um marcador discursivo é utilizado nas duas línguas. Em EN, é utilizado o marcador *on the other hand* (2) e, em PE, o marcador *por outro lado* (2). Na relação de conjunção acontece o mesmo que na relação de concessão, uma vez que apenas se observa um marcador discursivo para cada língua: em EN é o marcador *in addition* (3) que marca a relação, enquanto que em PE é o marcador *para além* (3). Na relação de contraste já se verifica um número mais elevado de variedade de marcadores discursivos, sendo que em EN os marcadores *on the contrary* (2) e *on the other hand* (2) são os prevaletentes. Em PE, os marcadores mais relevantes são *pelo contrário* (2) e *por outro lado* (2). Na relação de elaboração, o marcador *in particular* é o mais frequente em EN (9), ao passo que em PE o marcador correspondente mais frequente é *em particular* (7). Na relação de exemplificação, em EN e PE são utilizados frequentemente os marcadores *for example* e *por exemplo*, com ocorrências bastante aproximadas (14 e 15, respetivamente). Depois, na relação de expansão, em EN, o número de marcadores é muito inferior se se comparar com o PE, sendo o marcador *in fact* o mais frequente (24). Em PE, são utilizados diversos marcadores para esta relação, sendo o marcador *de facto* o mais notório (11). Por fim, na relação de reformulação, o marcador mais comum, em EN, é o marcador *in other words* (8) e, em PE, é o marcador *por outras palavras* (6).

Por fim, a segunda análise (Tabela 3) retrata casos específicos em que em PE não existe um marcador discursivo a marcar a relação discursiva:

		Marcador Discursivo PE	Marcador Discursivo EN	N.º de ocorrências EN
Relação Discursiva	Causa	Sem marcador	As a result	1
	Elaboração	Sem marcador	I mean	1
		Sem marcador	In particular	1
	Expansão	Sem marcador	In fact	3

Tabela 3 - Frequência de relações discursivas implícitas em PE.

Através da tabela apresentada, depreende-se que em 3 tipos de relações discursivas se verificam alguns casos de ausência de marcador discursivo em PE, nomeadamente nas relações de causa, elaboração e expansão. No *corpus* observam-se, portanto, ocorrências de relações discursivas que são realizadas explicitamente em EN e implicitamente em PE. Pode-se tomar como exemplo as seguintes frases correspondentes, em EN e PE, como forma de exemplificar a distinção entre relações em que o marcador discursivo se encontra explícito ou implícito:

- (5) “At about that time, I started talking to Tom Campbell, director here of the Metropolitan Museum, about what my next move might be. The move, **in fact**, back to an earlier life, one I'd begun at the British Museum, back to the world of three dimensions (...).” (*in fact* na relação de expansão - **EN**)
- (6) “Mais ou menos na mesma altura, comecei a falar com Tom Campbell, o diretor aqui do Metropolitan Museum, sobre qual seria o meu passo seguinte. Foi um passo para uma vida anterior, que começou no British Museum, de volta ao mundo a três dimensões (...).” (sem marcador na relação de expansão - **PE**)

No exemplo (5), o marcador *in fact* está a assinalar, explicitamente, a relação de expansão, estando o locutor a enfatizar a informação nova que incorporou no discurso, alusiva à narração de um episódio da sua vida pessoal. Já no exemplo (6), não há um marcador a assinalar a relação, uma vez que foi omitido. Contudo, infere-se facilmente que é a relação de expansão que é veiculada, mesmo sem recurso a um marcador discursivo explícito. Num estudo realizado por Zeyrek *et al.* (2020: 608), deteta-se que há um número elevado de contextos em que o marcador discursivo é omitido nas traduções de EN para PE. Os

marcadores presentes na tabela parecem ser menos importantes para a inferência das relações discursivas em PE, enquanto outros marcadores discursivos aparentam ser mais relevantes para o mesmo efeito, porque se encontram sempre explicitados nas frases (e.g. *por exemplo*). A volatilidade na tradução de marcadores discursivos é outro fator a considerar quando se observam omissões num *corpus* de traduções. Segundo Hoek, Evers-Vermeul & Sanders (2015: 41), a adição ou remoção de marcadores discursivos no processo de tradução pode depender do tipo de relação discursiva que um marcador sinaliza ou das diferenças entre os recursos linguísticos das línguas de partida e de chegada. Ainda segundo os autores, há relações discursivas que diferem no seu grau de expectativa no discurso – quando o grau de expectativa é alto, mais chances há de o marcador discursivo ser omitido. Assim, coloca-se a hipótese de que poderão existir casos de implicação (*implication*) no *corpus* deste estudo, ou seja, situações em que a relação discursiva no PE é mais expectável e, consequentemente, mais implícita do que no EN. Nesses casos, a relação discursiva tem de ser reconstruída por inferência (Hoek, Evers-Vermeul & Sanders 2015: 42).

5. Conclusão

Atendendo à análise realizada e aos resultados obtidos, é possível formular várias conclusões. Verificou-se, antes de tudo, que os marcadores discursivos utilizados nas traduções em PE variam mais em comparação aos marcadores identificados em EN (Gráficos 1 e 2). Esta subida no número de marcadores discursivos poderá ser resultado das opções lexicais de que o PE dispõe. Relativamente às relações discursivas identificadas (Gráfico 3), não se assistiu a nenhuma variação ou alteração discursiva do EN para as traduções em PE, ou seja, as relações mantiveram-se em termos de frequência nas duas línguas. No que concerne ainda às relações discursivas assinaladas, constatou-se que há relações específicas que são mais frequentes, concluindo-se que as relações de expansão e exemplificação são notoriamente as predominantes no *corpus* de monólogos orais analisado. Quanto à relação de expansão, infere-se que é um tipo de relação discursiva que necessita de ser clarificada em projetos futuros, pelo facto de cobrir vários casos de significado distintos. Parece também que relações de natureza argumentativa acentuada são menos habituais em palestras como as *TED Talks*, produzidas oralmente por um só interlocutor. Na análise dos marcadores discursivos utilizados por ambas as línguas em cada relação discursiva manifestada no *corpus* (Tabela 2), observou-se que alguns marcadores podem assinalar mais do que um tipo de relação discursiva e, ao possibilitarem mais do que uma leitura, revelam-se ambíguos.

Inclusivamente, depreendeu-se que há marcadores discursivos que são preferidos em relação a outros nas traduções do EN para o PE, sendo que na maior parte das vezes correspondem a traduções diretas, lexicalmente idênticas. Por fim, assistiu-se a alguns casos de relações discursivas implícitas em PE (Tabela 3), particularmente nas relações de causa, elaboração e expansão, nas quais não há um marcador discursivo a assinalar a relação presente, o que poderá significar que os marcadores que são omitidos em PE parecem ser menos relevantes para a inferência da relação discursiva, resultando em possíveis casos de implicação.

Referências

- Aijmer, K. 2013. *Understanding Pragmatic Markers: A Variational Pragmatic Approach*. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- Apostol, E. S.; Truică, C. O.; Damova, M.; Silvano, P.; Oleškevičienė, G. V.; Liebeskind, C.; Trajanov, D.; Baczkowska, A.; Montecchiari, E. A.; Chiarcos, C. 2025. Multiword Discourse Markers Across Languages: A Linguistic and Computational Perspective. *International Journal of Applied Linguistics*. Advance online publication. <https://doi.org/10.1111/ijal.12755>
- Asher, N.; Lascarides, A. 2003. *Logics of Conversation*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Bączkowska, A. 2016. Well as a discourse marker in learner's inter-lingual subtitles. In *Empirical translation studies: Interdisciplinary methodologies explored* (149–179). Sheffield: Equinox Publishing.
- Blakemore, D. 2006. Discourse markers. In *The handbook of pragmatics* (221–240). Malden, MA: Blackwell Publishing.
- Bunt, H.; Prasad, R. 2016. ISO DR-Core (ISO 24617-8): Core concepts for the annotation of discourse relations. *Proceedings 12th Joint ACLISO Workshop on Interoperable Semantic Annotation (ISA-12)*. Portorož: Association for Computational Linguistics, 45–54.
- Crible, L.; Zufferey, S. 2015. Using a unified taxonomy to annotate discourse markers in speech and writing. *Proceedings of the 11th Joint ACL-ISO Workshop on Interoperable Semantic Annotation (ISA-11)*. London: Association for Computational Linguistics, 1–10.
- Crible, L.; Cuenca, M. J. 2017. Discourse markers in speech: characteristics and challenges for corpus annotation. *Dialogue and Discourse* 8(2): 149–166.
- Crothers, E. J. 1979. *Paragraph structure inference*. Norwood, NJ: Ablex Publishing Corporation.
- Cuenca, M. J. 2013. The fuzzy boundaries between discourse marking and modal marking. In *Discourse markers and modal particles: Categorization and description* (191–216). Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.
- Duarte, I. 2003. Aspectos linguísticos da organização textual. In *Gramática da Língua Portuguesa* (85–122). Lisboa: Caminho.
- Duarte, I. M.; León, R. P. (Eds.). 2020. *Marcadores discursivos: O português como referência contrastiva*. Berlin: Peter Lang.

- Fischer, K. 2006. Towards an understanding of the spectrum of approaches to discourse particles: Introduction to the volume. In *Approaches to discourse particles* (1–20). Leiden: Brill.
- Fraser, B. 1987. Pragmatic formatives. In *The pragmatic perspective* (179–194). Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.
- Fraser, B. 1996. Pragmatic markers. *Pragmatics* 6(2): 167–190.
- Fraser, B. 1999. What are discourse markers?. *Journal of Pragmatics* 31(7): 931–952.
- Fraser, B. 2009. An account of discourse markers. *International Review of Pragmatics* 1(2): 293–320.
- Gomes, C.; Silva, F. 2014. Mecanismos de atenuação e intensificação no ensino-aprendizagem do português como língua estrangeira. *REDIS: Revista de Estudos do Discurso* (3): 32–66.
- Grosz, B. J.; Sidner, C. L. 1986. Attention, intentions, and the structure of discourse. *Computational linguistics* 12(3): 175–204.
- Hobbs, J. 1985. On the coherence and structure of discourse (Report no. CSLI-85-37). Stanford, CA: Center for the Study of Language and Information.
- Hoek, J.; Evers-Vermeul, J.; Sanders, T. J. 2015. The role of expectedness in the implicitation and explicitation of discourse relations. In *Proceedings of the second workshop on discourse in machine translation (DiscoMT)*. Lisbon: Association for Computational Linguistics, 41–46.
- International Organization for Standardization (ISO). 2016. *Language resource management - Semantic annotation framework (SemAF) - Part 8 - Semantic relations in discourse, core annotation schema (DR-core)*. Geneva: ISO.
- Jucker, A. H.; Ziv, Y. 1998. Introduction. In *Discourse Markers: Descriptions and Theory* (1-12). Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins.
- Kehler, A. 2002. *Coherence, reference, and the theory of grammar*. Stanford, CA: CSLI Publications.
- Lopes, A. C. M. 1998. Contribuição para o estudo semântico-pragmático de ‘agora’. *Revista Portuguesa de Filologia* (22): 363–376.
- Lopes, A. C. M. 2013. Contributos para o estudo do marcador discursivo 'claro' em português europeu. *Revista Galega de Filoloxía* (14): 71–83.
- Lopes, A. C. M. 2014. Contributo para o estudo sincrónico dos marcadores discursivos ‘quer dizer’, ‘ou seja’ e ‘isto é’ no português europeu contemporâneo. *Diacrítica* 28(1):33–50.
- Lopes, A. C. M.; Carapinha, C. 2017. Por outras palavras e digamos: marcadores de reformulação? *Revista Galega de Filoloxía* (18): 115–131.
- Lopes, A. C. M. 2018. A polifuncionalidade de ‘mesmo’ no português europeu contemporâneo. *Diacrítica* 32(1): 43–67.
- Mann, W. C.; Thompson, S. A. 1986. Relational propositions in discourse. *Discourse Processes* 9(1): 57–90.
- Mann, W. C.; Thompson, S. A. 1988. Rhetorical structure theory: Toward a functional theory of text organization. *Text-interdisciplinary Journal for the Study of Discourse* 8(3): 243–281.
- Maschler, Y.; D. Schiffrin. 2015. Discourse markers: Language, meaning, and context. In *The Handbook of Discourse Analysis* (2nd ed., Vol. I, 189–221). Chichester: John Wiley & Sons.
- Ochs, E. 1996. Linguistic Resources for Socializing Humanity. In *Rethinking Linguistic Relativity* (407–437). Cambridge: Cambridge University Press.

- Oleškevičienė, V. G.; Liebeskind, C.; Trajanov, D.; Silvano, M. D. P.; Chiarcos, C.; Damova, M. 2021. Speaker attitudes detection through discourse markers analysis. Workshop on Deep Learning and Neural Approaches for Linguistic Data-Book of abstracts. Skopje: Nexus Linguarum, 8-13.
- Östman, J. O. 1981. *You Know: A discourse-functional study*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.
- Petukhova, V.; Bunt, H. 2009. Towards a multidimensional semantics of discourse markers in spoken dialogue. *Proceedings of the Eight International Conference on Computational Semantics*. Tilburg: Association for Computational Linguistics, 157–168.
- Pimentel, A.; Silva, F. 2013. Marcadores conversacionais em Português Língua Estrangeira: da teoria à prática. *REDIS: Revista de Estudos do Discurso* (2): 185–208.
- Pinto, A. S. F. 2018. Marcadores de reformulação parafrásticos no género artigo científico. *Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto*.
- Prasad, R.; Dinesh, N.; Lee, A.; Miltsakaki, E.; Robaldo, L.; Joshi, A.; Webber, B. 2008. The Penn Discourse TreeBank 2.0. *Proceedings of the Sixth International Conference on Language Resources and Evaluation (LREC'08)*. Marrakech: European Language Resources Association (ELRA), 2961–2968.
- Sanders, T.; Spooren, W.; Noordman, L. 1992. Toward a Taxonomy of Coherence Relations. *Discourse Processes* 15(1): 1–35.
- Schiffrin, D. 1987. *Discourse markers*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Schiffrin, D. 2001. Discourse markers: Language, meaning, and context. In *The Handbook of Discourse Analysis* (1st ed., 54–75). Oxford: Blackwell.
- Schourup, L. C. 2018. *Common Discourse Particles in English Conversation*. Abingdon: Routledge.
- Silvano, P. 2010. Temporal and rhetorical relations: the semantics of sentences with adverbial subordination in European Portuguese. *Tese de Doutoramento, Universidade do Porto*.
- Silvano, P.; Damova, M. 2023. ISO-DR-core plugs into ISO-dialogue acts for a cross-linguistic taxonomy of discourse markers. *Proceedings of the 4th Conference on Language, Data and Knowledge*. Lisbon: NOVA CLUNL, 440–448.
- Silvano, P.; Damova, M.; Valunaitė, G. O.; Liebeskind, C.; Chiarcos, C.; Trajanov, D.; Truićă, C. O.; Apostol, E. S.; Bączkowska, A. 2022. ISO-based annotated multilingual parallel corpus for discourse markers. *Proceedings of the 13th Language Resources and Evaluation Conference (LREC 2022)*. Marseille: European Language Resources Association (ELRA), 2739–2749.
- Zeyrek, D.; Mendes, A.; Grishina, Y.; Kurfalı, M.; Gibbon, S.; Oğrodniczuk, M. 2020. TED Multilingual Discourse Bank (TED-MDB): a parallel corpus annotated in the PDTB style. *Language Resources and Evaluation* (54): 587–613.
- Zufferey, S.; Cartoni, B. 2012. English and French causal connectives in contrast. *Languages in Contrast* 12(2): 232–250.
- Zwicky, A. M. 1985. Clitics and particles. *Language* 61(2): 283–305.

A INTERPRETAÇÃO EM TERMOS DE MUDANÇA ESCALAR SOBRE AS EXPRESSÕES DE MUDANÇA DE PREÇO

Zuo Qinren¹

up202202310@up.pt

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO (PORTUGAL)

RESUMO. Este artigo investiga a interpretação linguística das expressões de variação do preço à luz da teoria da mudança escalar. A partir da distinção entre escalas lexicalizadas e não lexicalizadas e da tipologia escalar, proposta por Kennedy & Levin (2008), defende-se que a leitura aspetual dos eventos depende de forma decisiva da estrutura interna da escala associada ao predicado verbal. No caso do preço, considerado uma escala aberta, a telicidade decorre da presença de um valor de referência que delimite o alvo do movimento escalar. A duratividade, por sua vez, está relacionada com a possibilidade de decomposição do evento em subeventos, que são homomorficamente mapeados para valores correspondentes da escala. A interação entre estas duas propriedades permite distinguir entre eventos pontuais, processos culminados e processos não culminados.

Com base em dados reais extraídos de discursos económicos, demonstra-se que verbos de movimento como *subir* e *descer* admitem diferentes leituras aspetuais — télicas, atélicas, durativas ou pontuais — dependendo do contexto temporal, da estrutura da escala e da presença de marcadores aspetuais. A análise fundamenta-se na Relação de Movimento Generalizada de Beavers (2008), que permite representar movimentos escalares com retrocessos, interrupções ou oscilações. O estudo confirma, assim, que a estrutura interna do evento e a topologia da escala são fatores cruciais na interpretação de telicidade e duratividade nas construções linguísticas de variação de preços, oferecendo um contributo relevante para a modelação semântica dos eventos dinâmicos em contextos específicos.

PALAVRAS-CHAVE. Mudança Escalar, Expressões de Preço, Verbos de Movimento Direcionado, Homomorfismo, Relação de Movimento Generalizada.

ABSTRACT. This article investigates the linguistic interpretation of price-variation expressions considering scalar change theory. Building on the distinction between lexicalized and non-lexicalized scales and the scalar typology proposed by Kennedy & Levin (2008), it is argued that the aspectual reading of events crucially depends on the internal structure of the scale associated with the verbal predicate. In the case of price, considered an open scale, telicity arises from the presence of a reference value delimiting the target of the scalar movement. Durativity, in turn, is related to the possibility of

¹ Estudante do 3.º ano do 3.º Ciclo de Estudos em Ciências da Linguagem.

decomposing the event into subevents, which are homomorphically mapped onto corresponding values of the scale. The interaction between these two properties allows for distinguishing between punctual events, culminated processes, and non-culminated processes.

Based on real data extracted from economic discourse, it is shown that motion verbs such as *subir* ('rise') and *descer* ('fall') admit different aspectual readings — telic, atelic, durative, or punctual — depending on temporal context, scale structure, and the presence of aspectual markers. The analysis is grounded in Beavers' (2008) Generalized Movement Relation, which accounts for scalar movements involving reversals, interruptions, or oscillations. The study thus confirms that the internal structure of the event and the topology of the scale are crucial factors in the interpretation of telicity and durativity in linguistic constructions of price variation, offering a relevant contribution to the semantic modeling of dynamic events in specific contexts.

KEYWORDS. Scalar Change, Price Expressions, Directed Motion Verbs, Homomorphism, Generalized Movement Relation.

1. Introdução

Dowty (1979) aponta que todos os predicados dinâmicos envolvem algum tipo de mudança e, portanto, só podem ser considerados verdadeiros num intervalo de tempo, uma vez que pelo menos dois momentos no tempo são necessários para que a mudança ocorra (cf. Hovav & Levin 2007). Por outras palavras, a mudança de estado não é tratada como instantânea, mas como uma transição que decorre ao longo de um intervalo de tempo, implicando um percurso entre dois estados distintos. Esta transição é temporalmente delimitada entre dois estados contrastivos, sem implicar necessariamente continuidade plena ao longo da escala. Nesse sentido, Dowty (1979) propõe uma redefinição do operador *BECOME* com base em intervalos temporais, superando os limites de uma semântica centrada em momentos pontuais. Esta reformulação permite que *BECOME* não seja apenas aplicável a mudanças instantâneas de estado, típicas de realizações mentais como *reconhecer* ou *descobrir*, mas também a eventos cuja mudança de estado ocorre ao longo de um intervalo delimitado. Assim, o operador pode ser usado para modelar mudanças graduais ou prolongadas, desde que haja uma transição clara entre um estado inicial e um estado final, sem que necessariamente se imponha a existência de uma progressão contínua no sentido aspetual estrito do termo 'progressivo'. À luz da proposta formalizada por Dowty (1979), a avaliação da verdade de uma frase que expressa mudança de estado depende de três condições

essenciais: (i) a existência de um subintervalo inicial em que a propriedade $\neg P$ é verdadeira, (ii) a ocorrência de um subintervalo final em que a propriedade P é satisfeita, e (iii) a inexistência de qualquer subintervalo próprio dentro do intervalo considerado em que ambas as condições anteriores também sejam verdadeiras. Esta última exigência garante que o intervalo seja mínimo, ou seja, o menor intervalo no qual a transição de $\neg P$ para P ocorre. Desta forma, o operador *BECOME* pode ser aplicado tanto a mudanças concebidas como instantâneas, quanto àquelas que se distribuem num intervalo temporal delimitado, sem implicar necessariamente uma continuidade plena ao longo desse intervalo.

Com base nesta proposta, segundo Tenny (1989), em certos tipos de predicação, o argumento interno direto do verbo pode ser interpretado, num nível semântico mais abstrato, como uma entidade cuja mudança de estado se expressa em função do tempo. Nestes casos, o evento torna-se medível, pois o seu desenvolvimento ao longo do intervalo temporal está associado a uma propriedade que varia gradualmente no argumento interno. A medição pode, assim, ser realizada com recurso a escalas, que representam formas previsíveis de progressão. Não entanto, esta análise não se aplica a eventos de mudança abrupta — como em *o vaso partiu-se* ou *a lâmpada fundiu* — em que não há qualquer tipo de gradualidade relevante na propriedade afetada. Hovav (2008) desenvolve esta ideia ao sugerir que todos os verbos dinâmicos têm, em princípio, potencial para se associarem a algum tipo de escala, mas na prática apenas certos verbos estabelecem esta associação de forma explícita. Assim, o autor distingue duas classes de verbos. Os verbos escalares denotam explicitamente eventos associados a mudanças escalares (como *aquecer*, ligado a uma escala de propriedade; *subir*, associado a uma escala de caminho; e *construir*, que envolve uma escala de extensão). Já os verbos não escalares não expressam diretamente uma mudança ao longo de qualquer escala, como *jogar* ou *rir*.

2. A estruturação da escala

As escalas, de acordo com a análise feita por Kennedy & McNally (2005) sobre os adjetivos, consistem em três parâmetros cruciais: conjunto de graus (D), que representam os valores de medição, dimensão (Δ), que indica o tipo de medição, e relação de ordenação (R) que se refere à maneira como os graus são organizados dentro da escala. Segundo a proposta de Hovav (2008), alguns verbos de mudança escalar podem incorporar o seu significado lexical numa escala, tal como mostrado na Tabela 1, dado que a associação à escala é considerada como uma propriedade lexical desses verbos. Isto quer dizer que os três

parâmetros são lexicalmente especificados no seu significado (cf. Fleischhauer & Gamerschlag 2014). Geralmente, tal escala corresponde a um adjetivo não derivado e o verbo que lexicaliza a escala denota uma mudança ao longo da escala na denotação do adjetivo, ou seja, uma mudança no valor do atributo para o tema do verbo (Hovav 2008). Este tipo de escala, chamado de escala lexicalizada, vincula-se aos atributos que podem ser medidos, como temperatura e largura.

	Conjunto de graus	Dimensão	Relação de ordenação
Aquecer	Graus Celsius ou Fahrenheit	Temperatura	Aumento
Arrefecer	Graus Celsius ou Fahrenheit	Temperatura	Diminuição
Alargar	Metros	Largura	Aumento

Tabela 1 – Estrutura de escalas lexicalizadas baseadas em três parâmetros.

Em contraste, as escalas não lexicalizadas, de acordo com Hovav (2008), são especificadas pelo referente do objeto direto, em vez do próprio verbo, pois a escala em questão não faz parte do seu significado lexical. Portanto, a escala de extensão/volume vincula-se a essas escalas. Por exemplo, na frase *leu um livro*, a escala consiste na extensão do livro e o verbo *ler* implica um processo que pode ser medido em termos de quantas páginas do livro é que o enunciador leu. As escalas de caminho distinguem-se de outros tipos de escalas porque são parcialmente lexicalizadas pelo verbo de movimento. Isto é, os verbos de movimento, de acordo com Fleischhauer & Gamerschlag (2014), não podem especificar lexicalmente todos os parâmetros de escala. Talmy (1985) propõe que esses verbos incorporam o caminho, indicando o curso seguido ou o local ocupado pelo argumento tema em relação ao argumento fonte, mas a distância ou a trajetória exata não é especificada no seu significado lexical. Por exemplo, os verbos *subir* e *descer* especificam a relação da ordenação dos graus, enquanto a dimensão e os graus se mantêm omitidos e só podem ser inferidos a partir do contexto, ou seja, a lexicalização de escala também depende do significado de outros papéis semânticos, como o tema, a fonte e o alvo, que se envolvem na mudança em questão.

Para além dos modos como são estabelecidas, as escalas, à luz do modelo teórico proposto por Kennedy & Levin (2008), *Degree Achievements*, podem ser classificadas, consoante as suas estruturas internas, em escala aberta e escala fechada. De acordo com os autores, a estrutura da escala relaciona-se com o significado lexical do adjetivo ou o do

respetivo verbo derivado. Uma escala aberta é graduável sem um limite superior ou inferior fixo. Por exemplo, os verbos como *escurecer* têm preferencialmente leitura télica, pois o uso destes verbos, num contexto sem a presença da explicitação morfossintática, implica, geralmente, o estado consequente positivo do adjetivo relevante, como “o céu escureceu”. Isso significa que os valores na escala são potencialmente infinitos em ambas as direções (ou ao menos numa delas) e não existe um ponto culminativo inerente ao predicado. Nesse sentido, não há ponto final ou ponto inicial obrigatório neste tipo de escalas. Já a escala fechada possui um limite máximo e/ou mínimo bem definido. O evento deste tipo de escalas pode ser interpretado como culminado, ou seja, télico, em que o participante que desempenha o papel semântico de tema atinge esse limite. Esta proposta serve de base para abordarmos a interpretação télica de um evento do ponto de vista de significado lexical do seu núcleo e de informações contextuais específicas.

Em geral, a escala aberta é representada pelas entidades como *altura*, *temperatura* e *peso*, enquanto as ações como *construção*, *secagem* e *encher* podem lexicalizar as escalas fechadas. Portanto, nas expressões de mudança de preço, a escala é especificada pela informação do preço, em que a unidade monetária serve de dimensão de medição, o conjunto dos graus é composto pelos quantificadores numerais cardinais e a relação de ordenação é indicada pelo verbo de movimento direcionado. Esta escala é preferencialmente considerada como aberta, permitindo, assim, o tratamento dos eventos atélicos.

3. Mudança escalar e expressão de mudança de preço

Uma mudança escalar envolve um conjunto ordenado de alterações numa direção específica nos valores de um único atributo e, portanto, pode ser caracterizada como um movimento numa direção particular ao longo da escala (Hovav & Levin 2007). Por outras palavras, a mudança do atributo do participante, seja volume, posição ou propriedade, resulta da progressão do evento de mudança escalar. Nesse sentido, Krifka (1998) aponta que esta correlação entre evento e escala pode ser representada pela função de homomorfismo. Isto quer dizer que os subeventos de um dado evento podem ser mapeados para pontos correspondentes na escala, na qual se incorpora o significado do atributo envolvido na mudança, denotando diferentes fases da mudança do atributo em causa.

Beavers (2008) considera que se verifica o homomorfismo na correlação entre o evento e a escala, unificando, assim, vários fatores anteriormente heterogêneos que fundamentam a telicidade num único mapeamento. O homomorfismo varia conforme as

características de diferentes tipos de escalas, pois as propriedades e requisitos do homomorfismo dependem diretamente da natureza da escala associada ao evento. Relativamente à escala de caminho, a *Relação de Movimento*, proposta por Krifka (1998), pode ser considerada como uma forma de homomorfismo entre eventos e escalas, seja em dimensão espacial ou em dimensão qualitativa. Esta proposta ilustra o mapeamento do evento para a escala de caminho ou a escala de propriedade, como temperatura ou preço. De acordo com Krifka (1998), *caminhar de um ponto A até um ponto B* é considerado como um evento e em que cada subevento e' corresponde a um subcaminho entre dois pontos intermediários na trajetória de A a B. O autor também salienta que o caminho se organiza em precedência e essa precedência é irreflexa, assimétrica e transitiva. Aliás, os subcaminhos não podem ocupar o mesmo espaço ou ser localizados no mesmo intervalo de tempo, mas um deve preceder o outro. Caso o movimento seja direcionado, os subcaminhos devem ordenar-se conforme a direção indicada pelo verbo ou contexto.

No entanto, Beavers (2008) critica a proposta de Krifka (1998) por assumir que os eventos de mudança seguem uma progressão constante, sem retrocessos nem interrupções. Tal exigência restringe a aplicabilidade do modelo à descrição de eventos complexos e variados. Segundo Krifka (1998), o mapeamento homomórfico entre eventos e escalas requer que a adjacência temporal entre subeventos seja preservada. Isto é, se dois subeventos são temporalmente contíguos, os segmentos correspondentes na escala também devem ser adjacentes. Contudo, este princípio torna-se inadequado ao ser aplicado a eventos como a variação de preço, que não envolve uma decomposição processual contínua.

Quando o evento de movimento incide sobre a variação do preço, a escala em causa não é espacial, mas sim uma escala de propriedade, introduzida pelo nome funcional *preço*. Esta propriedade denota “quanto se valoriza” uma entidade discreta ou uma determinada porção de uma dada substância e pode ser formalizada como uma função intensional que associa a entidade a um valor monetário num dado momento. Embora esta escala seja densa — admitindo múltiplos valores intermédios —, a mudança lexicalizada pelo verbo, como *subir* e *descer*, não pressupõe um percurso por todos esses valores, mas apenas a transição entre dois estados contrastivos: um estado inicial, em que a propriedade $\text{preço} = x$, e um estado final, em que $\text{preço} = x + \Delta$ (o caso de *subir*) ou $\text{preço} = x - \Delta$ (o caso de *descer*). Do ponto de vista aspetual, a estrutura interna do evento apresenta-se, portanto, como binária ($\neg P \rightarrow P$), conforme a definição do operador *BECOME* em Dowty (1979), e não envolve subintervalos onde a mesma transição se repita.

- (1) De acordo com os dados da Direção Geral de Energia e Geologia (DGEG), o preço médio da gasolina simples subiu 2,5 cêntimos na segunda-feira. (Carregueiro 2022)

O exemplo (1) ilustra a variação do preço como um caso de mudança escalar. O evento descrito envolve dois estados: um estado inicial, anterior à segunda-feira, em que o preço médio da gasolina era inferior, e um estado final, registado na segunda-feira, em que esse preço se fixou num valor 2,5 cêntimos mais elevado. Estes dois estados, embora sucessivos no tempo, estão claramente separados e delimitam os limites do evento lexicalizado pelo verbo *subir*. Tal como previsto na análise de Dowty (1979), este tipo de evento corresponde à aplicação do operador *BECOME*, que requer uma transição entre um estado inicial ($\neg P$) e um estado final (P), sem que ambos os estados sejam simultaneamente verdadeiros em nenhum subintervalo do tempo. Assim, a subida de 2,5 cêntimos é entendida como uma mudança abrupta e conclusiva, cuja estrutura interna não se reparte em subalterações incrementais observáveis ao longo do tempo. Por esta razão, este tipo de evento não é compatível com o modelo de homomorfismo estrito proposto por Krifka (1998), que exige que cada subevento do processo de mudança corresponda a uma subparte distinta da escala percorrida. Neste caso, não se trata de um percurso gradual ao longo da escala, mas de uma transição binária entre dois pontos contrastivos — antes e depois da subida — o que caracteriza o evento como pontual e culminativo.

Consideradas as limitações da conceção tradicional de *Relação de Movimento*, Beavers (2008) propõe uma generalização desta noção, de modo a acomodar eventos de mudança que não seguem um movimento linear contínuo. O autor introduz o conceito de *Relação de Movimento Generalizada*, que permite descrever eventos com retrocessos, movimentos circulares ou intermitentes, contrariando a exigência de progressão estritamente monotónica típica dos modelos anteriores, como o de Krifka (1998). Em termos formais, os predicados dinâmicos são definidos como descrições de um evento e que se relaciona com um tema x , sujeito a alteração, e com uma escala s que representa a dimensão da mudança (Beavers 2008). De acordo com Krifka (1998), esta estrutura corresponde a uma relação- θ , que associa argumentos a papéis temáticos específicos. No modelo de Beavers (2008), essa relação- θ aplica-se entre e e s , concebendo a escala como o domínio da mudança. Por outras palavras, a escala não é necessariamente tratada como um caminho físico, mas sim uma dimensão abstrata passível de ser percorrida de forma variada.

Esta abordagem permite explicar exemplos como em (2):

- (2) Depois de uma grande subida, o preço dos combustíveis vai descer. Especificamente, o litro da gasolina deverá ficar mais barato em um centímo e o gasóleo em três centímos. (SIC Notícias 2025)

Neste caso, a variação do preço não segue um movimento linear ascendente ou descendente. Esta frase relata que, após um aumento significativo anterior nos preços dos combustíveis, estava prevista uma redução dos preços num intervalo posterior. Este tipo de variação, ou seja, uma subida seguida de uma descida, exemplifica uma mudança reversível na direção da escala de preço, tal como previsto na *Relação de Movimento Generalizada* proposta por Beavers (2008), refletindo uma variação não monotónica, típica dos eventos de mudança escalar.

- (3) Desde 1 de Março, e contabilizando já a subida da próxima semana, a gasolina cresce mais 5 centímos, pelo que desde o início do ano se agravou em 14 centímos. (Sábado 2015)
- (4) O preço da gasolina tem-se agravado 19 centímos em três meses. (SIC Notícias 2025)

A diversidade das estruturas dos eventos pode também refletir-se num prolongamento do percurso do movimento escalar, através de combinação de eventos que manifestam propriedades pontuais com eventos que exibem propriedades durativas. A situação descrita no exemplo (3) pode ser reformulada de forma resumida, como é possível observar no exemplo (4), no qual se expressa explicitamente o resultado acumulado de uma série de alterações no preço da gasolina ao longo de um intervalo de tempo determinado. Enquanto o exemplo (3) enfatiza a adição de uma subida à subida processual registada a partir do início do ano, que pode ser considerada como um evento pontual, o exemplo (4) condensa esse percurso num único evento, um processo culminado, cuja extensão é delimitada pela expressão “em três meses”.

Assim, o exemplo (4) revela como é que se interpreta um evento de mudança escalar como um evento durativo. Este tipo de eventos enfoca a composição de múltiplas alterações sucessivas que afetam cumulativamente o valor monetário. Segundo Beavers (2008), este tipo de estrutura caracteriza um processo culminado, no qual a transição entre um estado inicial

(¬P) e um estado final (P) é realizada através de subeventos que percorrem gradualmente os valores intermédios da escala. Ao contrário das culminações, que representam mudanças pontuais e indivisíveis entre dois estados contrastivos, os processos culminados admitem decomposição interna e correspondem a um mapeamento homomórfico entre os subeventos e a escala percorrida.

Para além da duratividade, Beavers (2008) propõe a graduabilidade como o outro princípio regulador do mapeamento homomórfico entre eventos e escalas. Segundo o autor, uma escala é graduável quando admite subdivisões entre valores — como ocorre com o preço ou a temperatura — ao passo que uma escala não graduável é binária, contrastando apenas dois valores semanticamente relevantes, como *vivo/morto*. Esta distinção corresponde, em termos formais, à divisão entre escalas de dois pontos e escalas de múltiplos pontos, proposta por Hovav & Levin (2007), que relaciona diferentes tipos de escalas com os verbos que lexicalizam mudanças instantâneas ou graduais. O modelo desses autores fornece, assim, uma base formal para a análise composicional e aspetual dos predicados dinâmicos.

No domínio das expressões de movimento, os verbos que denotam mudanças instantâneas, como *chegar* ou *entrar*, estão tipicamente associados a escalas de dois pontos. Já os verbos que exprimem mudanças graduais, como *aquecer* ou *arrefecer*, relacionam-se com escalas de múltiplos pontos. Importa destacar que certos verbos, como *subir* e *descer*, podem comportar-se de modo ambíguo, sendo compatíveis com ambos os tipos de escala: como se observa nos exemplos (2) e (3), estes verbos admitem tanto uma leitura durativa como uma leitura pontual, dependendo da estrutura da escala implicada e da forma como o evento é delimitado pelo contexto.

- (5) Durante a pandemia, o preço do cimento aumentou para a maioria das construtoras.
(adaptado de Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC) 2020)

A variação do preço nem sempre dá origem a eventos télicos, mesmo quando apresenta leitura durativa, como se pode ver no exemplo (5). A explicação desta leitura atélica precisa de ter em consideração a interação entre o aspeto e a estrutura escalar do predicado.

Por um lado, a expressão temporal *durante a pandemia* remete para uma interpretação processual, típica de eventos que se distribuem ao longo de um intervalo temporal contínuo sem implicar a sua conclusão. Segundo Moens & Steedman (1988), esta leitura corresponde à classe aspetual de processo, distinguindo-se dos eventos culminados pela ausência de um

estado final. Como observa Vendler (1957), os eventos processuais, ao contrário dos culminativos, cuja veracidade depende da realização do ponto em que se realiza a transição entre estados, caracterizam-se por serem homogêneos, ou seja, verdadeiros em todos os subintervalos relevantes do intervalo maior.

Por outro lado, à luz da análise de Kennedy & Levin (2008), a telicidade de predicados de mudança graduável depende da estrutura interna da escala lexicalizada. A escala denotada pelo nome *preço* é aberta porque não possui um limite máximo. Esta característica permite que o evento decorra sem culminação, especialmente na ausência de expressões que definam um ponto final. Assim, a leitura atélica do evento em (5) não resulta meramente da sua duração, mas também da ausência de um estado final pré-determinado na escala. O processo descrito é interpretado como uma mudança intensiva e indefinida. Tal facto sustenta a leitura durativa e atélica do predicado.

(6) O dólar devia estar a descer, mas está a subir. (Open Subtitles 2014)

A explicação sobre a leitura atélica do exemplo (5), apesar da diferença quanto ao tempo verbal, aplica-se também ao exemplo (6). Neste último, em vez de se localizar o evento por meio de expressão temporal delimitadora, como *durante a pandemia*, utiliza-se a perífrase *estar a + infinitivo*, indicando que o evento está em curso no momento da enunciação, sem referência ao seu início nem à sua conclusão. De acordo com Moens & Steedman (1988) e Vendler (1957), esta configuração aspetual corresponde à classe dos processos, caracterizada pela ausência de culminação e pela continuidade homogênea da eventualidade.

Nesse sentido, a frase só descreve uma mudança escalar ascendente do valor do dólar ao longo da escala, mas não se refere a uma data ou a um valor delimitados em que se realize a transição para o estado final desta mudança. Como esta escala não é intrinsecamente limitada, o progresso do evento em questão não está orientado para uma culminação. De acordo com Beavers (2008), esse tipo de configuração, em que há um homomorfismo entre o evento e uma escala não delimitada, caracteriza um evento durativo e atélico, ou seja, um evento que pode prolongar-se indefinidamente sem alcançar um estado final definido.

4. Conclusão

A interpretação da variação dos preços, em particular no que respeita à telicidade e à duratividade, está intimamente ligada à noção de mudança escalar. Por um lado, considerando

que o preço, à luz da tipologia de Kennedy & Levin (2008), constitui uma escala aberta, a leitura aspetual depende, em larga medida, da presença ou ausência de um valor que delimite o alvo da mudança escalar. Essa delimitação permite determinar se existe um estado final que funcione como culminação do evento, em que se realize a transição para o estado final, dando origem a uma interpretação de natureza télica. Assim, distingue-se o evento télico do evento atélico, os quais dizem respeito à variação de preços.

Por outro lado, a duratividade do evento depende da sua estrutura interna. Um evento é durativo quando pode ser decomposto em múltiplos subeventos, os quais são homomorficamente mapeados para valores correspondentes da escala, que podem estar distribuídos de forma contínua ou não linear ao longo de um intervalo temporal. A sequência desses subeventos não implica necessariamente progressão monotónica, podendo incluir retrocessos ou oscilações, desde que o percurso global da mudança seja semanticamente coerente. É essa estrutura interna que distingue os eventos durativos dos eventos pontuais e que permite, dentro dos durativos, diferenciar processos culminados de processos, dependendo da existência ou não de um ponto terminal intrinsecamente ligado à situação descrita. No caso das culminações, a mudança escalar é instantânea e indivisível. Já nos processos culminados, a culminação resulta da acumulação de subeventos orientados pelo percurso linear ou não, sendo decisiva a chegada a um valor que represente a transição entre dois estados. Em contrapartida, nos eventos processuais não culminados, o movimento escalar é orientado numa única direcção, mas não atinge um ponto final predefinido. Assim, a estrutura interna do evento relevante — isto é, a forma do percurso escalar lexicalizado pelo predicado — constitui um dos fatores principais e decisivos que condicionam a interpretação de telicidade e duratividade na variação de preços, refletindo diretamente a diversidade de leituras aspetuais que estas expressões podem assumir no discurso.

Referências

- Beavers, J. 2008. Scalar complexity and the structure of events. In *Event Structures in Linguistic Form and Interpretation* (245–266). Berlin/Boston: De Gruyter.
- Dowty, D. 1979. *Word meaning and Montague grammar*. Dordrecht/Boston/London: D. Reidel Publishing Company.
- Fleischhauer, J.; Gamerschlag, T. 2014. We're going through changes: How change of state verbs and arguments combine in scale composition. *Lingua* 141: 30–47.

- Hovav, M. R. 2008. Lexicalized meaning and the internal temporal structure of events. In *Theoretical and crosslinguistic approaches to the semantics of aspect* (13–42). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- Hovav, M. R.; Levin, B. 2007. Reflections on the Complementarity of Manner and Result. [Unpublished manuscript]. Berlin: Zentrum für Allgemeine Sprachwissenschaft, Humboldt University.
- Kennedy, C.; McNally, L. 2005. Scale structure, degree modification, and the semantics of gradable predicates. *Language* 81(2): 345–381.
- Kennedy, C.; Levin, B. 2008. Measure of change: The adjectival core of degree achievements. In *Adjectives and Adverbs: Syntax, Semantics, and Discourse* (156–182). Oxford: Oxford University Press.
- Krifka, M. 1998. The origins of telicity. In *Events and Grammar* (197–235). Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.
- Moens, M.; Steedman, M. 1988. Temporal Ontology and Temporal Reference. *Computational Linguistics* 14(2): 15–28.
- Talmy, L. 1985. Lexicalization patterns: Semantic structure in lexical forms. In *Language typology and syntactic description* (36–149). Cambridge: Cambridge University Press.
- Tenny, C. 1989. The aspectual interface hypothesis (Lexicon Project working papers, 31). Center for Cognitive Science, MIT.
- Vendler, Z. 1957. Verbs and Times. *The Philosophical Review* 66(2): 143–160.

Anexos

- Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC). 23 de julho de 2020. Durante pandemia, 95% das construtoras tiveram aumento no preço do cimento. <https://cbic.org.br/durante-pandemia-95-das-construtoras-tiveram-aumento-no-preco-do-cimento/>.
- Carregueiro, N. 5 de janeiro 2018. Preço da gasolina vai descer devido à alta do euro. *Jornal de Negócios*. <https://arquivo.pt/wayback/20180105212714/http://www.jornaldenegocios.pt/mercado/s/materias-primas/petroleo/detalhe/preco-da-gasolina-vai-descer-devido-a-alta-do-euro>
- Open Subtitles. 2014. Jack Ryan: Shadow Recruit. <https://www.opensubtitles.com/en/subtitles/legacy/5673502>.
- Sábado. 14 de março de 2015. Gasolina volta a subir dois centimos na próxima semana. https://arquivo.pt/wayback/20150314185919/http://www.sabado.pt/dinheiro/detalhe/gasolina_volta_a_subir_dois_centimos_na_proxima_semana.html.
- SIC Notícias. 24 de janeiro de 2025. Depois de uma grande subida, preço dos combustíveis vai descer. <https://sicnoticias.pt/especiais/combustiveis/2025-01-24-depois-de-uma-grande-subida-preco-dos-combustiveis-vai-descer-ca795376sicnoticias.pt>.